

TIPOS DE CANIBALISMO - ECOLOGIA, EVOLUÇÃO E SOCIEDADES

Neuza Rejane Wille Lima



EDITORIA CONHECIMENTO LIVRE

Neuza Rejane Wille Lima

Tipos de Canibalismo - ecologia, evolução e sociedades

1ª ed.

Piracanjuba-GO
Editora Conhecimento Livre
Piracanjuba-GO

1ª ed.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Lima, Neuza Rejane Wille
L732T Tipos de Canibalismo - ecologia, evolução e sociedades
/ Neuza Rejane Wille Lima. – Piracanjuba-GO

Editora Conhecimento Livre, 2022

57 f.: il

DOI: 10.37423/2022.edcl506

ISBN: 978-65-5367-117-1

Modo de acesso: World Wide Web

Incluir Bibliografia

1. antropofagia 2. canibalismo-intrauterino 3. canibalismo-filial 4. canibalismo-sexual 5.
canibalismo-celular I. Lima, Neuza Rejane Wille II. Título

CDU: 577

<https://doi.org/10.37423/2022.edcl506>

O conteúdo dos artigos e sua correção ortográfica são de responsabilidade exclusiva dos seus respectivos autores.

EDITORA CONHECIMENTO LIVRE

Corpo Editorial

Dr. João Luís Ribeiro Ulhôa

Dra. Eyde Cristianne Saraiva-Bonatto

MSc. Frederico Celestino Barbosa

MSc. Carlos Eduardo de Oliveira Gontijo

MSc. Plínio Ferreira Pires

Editora Conhecimento Livre

Piracanjuba-GO

2022



10.37423/2022.edcl506



SOBRE A AUTORA

Graduada em Ciências Biológicas (Biologia Marinha) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1983). Mestre em Biofísica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1987). Doutora em Ecologia e Recursos Naturais pela Universidade Federal de São Carlos/Center for Theoretical and Applied Genetics, Rutgers University (Programa Sanduiche CNPq / USA) (1993). Foi Professora Associada da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF), de 1994 a 2000. Foi professora substituta na Universidade Federal Fluminense, em 2001. Em 2002 ingressou como Professora Adjunta na UFF. Presidente da Associação Brasileira em Diversidade e Inclusão (ABDIn, gestão 2015-2019). Líder do Grupo de Pesquisa NDVIS (Núcleo de Pesquisa e Desenvolvimento de Processos, Produtos e Inovação Tecnológica para o Ensino de Pessoas com Deficiência Visual CNPq/UFF, 2015-2019). Vice-coordenadora e Coordenadora do Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão (CMPDI/UFF), de 2015 a 2018. Tutora do ProPET Biofronteiras do Instituto de Biologia da UFF (2013-2019). Chefe do Departamento de Biologia Geral do Instituto de Biologia da UFF (2018-2020). Desde 2018, é Professora Titular da Universidade Federal Fluminense. Orienta no Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão (CMPDI) e na Pós-Graduação em Ciências, Tecnologia e Inclusão (PGCTIN). Tem experiência na área de Ecologia, com ênfase em Ecologia Aplicada e Teórica, atuando principalmente nos seguintes temas: ecologia evolutiva, ecologia de populações, evolução do sexo e divulgação científica. Desde 2014, atua na área de ensino inclusivo, especialmente em questões e produção de materiais e descrição epistemológica dos processos de construção de conhecimento para atender às demandas nas áreas de deficiência visual, surdocegueira, discalculia e nanismo.

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5261670227615321>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5191-537X>

e-mail: rejane_lima@id.uff.br

SINOPSE

Nos últimos 70 anos, o canibalismo tem sido estudado sob a ótica da ecologia evolutiva e médica, além da antropológica. Certos autores consideram o canibalismo um comportamento excêntrico quando praticado pelos humanos, além de biologicamente, desvantajoso quando expressado por outros animais. Seria o canibalismo um caso extremo de predação? Possivelmente, não, dirá a maioria dos autores. Seria um comportamento vantajoso por eliminar os indivíduos menos aptos? Provavelmente, sim, para muitos pesquisadores. Apesar desse comportamento - nem tão raro na natureza - envolver controvérsias, não deixa de ter importância biológica, especialmente para alguns grupos taxonômicos como as aranhas conhecidas como viúva-negra que praticam o canibalismo sexual e para o tubarão anequim cujos embriões se alimentam de ovos ou de outros embriões menos desenvolvidos durante a gestação, praticando, assim, o canibalismo intrauterino. Nesses dois casos, o canibalismo pode trazer vantagens evolutivas no cenário reprodutivo por envolver o reaproveitamento de energia e à eliminação de indivíduos menos aptos à procriação. Além destes dois tipos de canibalismo e da antropofagia, são considerados mais cinco tipos de canibalismo: filial, fraternal, matrifágico, patológico e até celular no caso dos tumores. Esse último ocorre quando uma célula saudável envolve, aniquila e digere outra célula fisiologicamente alterada. Esse processo é considerado como uma forma dos organismos resistirem ao câncer. Uma grande desvantagem do canibalismo é o risco da transmissão de doenças como é o caso da proteína estruturalmente alterada (príon) que causa o *Kuru*, uma doença neurodegenerativa. Talvez esse mal adquirido via antropofagia derive da disfunção neurodegenerativo denominada Doença de Creutzfeldt-Jakob clássica. Tal doença também se assemelha à Doença da Vaca Louca (Encefalite Espongiforme Bovina) quando animais que se alimentaram de farinha de carcaça bovina. Filmes, livros, pinturas e noticiários sobre o canibalismo demonstram a importância desse tema em nossa sociedade, tanto em termos legais, culturais e literários com textos voltados para o público infante-juvenil é até adulto, com é o caso das histórias originais da Branca de Neve e A Bela Adormecida e tentativa de antropofagia na história de João e Maria, em vigência até os dias de hoje.

Sumário

1. FATOS HISTÓRICOS E CONCEITOS DE ANTROPOFAGIA E CALIBALISMO.....	6
2. ANTROPOFAGIA.....	6
2.1- CANIBALISMO E O OURO NO BRASIL	10
2.2. CANIBALISMO, ARTE, LITERATURA.....	11
2.3. CANIBALISMO, PSIQUE E SOBREVIVÊNCIA	18
2.4. CANIBALISMO E AS LEIS	21
2.5 – CANIBALISMO E OS CONTOS DE FADA.	22
3. CANIBALISMO ENTRE OUTROS ANIMAIS.....	27
4. QUESTÃO SOBRE CANIBALISMO SEXUAL	36
5. QUESTÕES SOBRE O CANIBALISMO CELULAR.....	38
6. FINALIZANDO	38
7. REFERÊNCIAS	41

1. FATOS HISTÓRICOS E CONCEITOS DE ANTROPOFAGIA E CALIBALISMO

Na mitologia grega, além de ser:

“Pai do tempo, Cronos também era venerado como divindade relacionada a agricultura, principalmente na mitologia pré-helênica. No entanto, Cronos vivia preocupado com uma antiga maldição lançada por Urano antes deste ser destronado: um dos seus filhos conseguiria tomar o poder e lançá-lo para o esquecimento no mundo subterrâneo. Para evitar que a profecia se cumprisse, Cronos devorava todos os filhos que nasciam”.

e deste modo, praticava o canibalismo que hoje pode também ser classificado como filial.¹

No mundo real, foi Heródoto, o historiador e cronista nascido na Grécia (484 - entre 430 e 425 do século V a.C.), que, primeiramente, classificou o fenômeno do canibalismo, cunhando a palavra “antropofagia” - em grego significa “antropos” (homem) + “phagein” (comer).² Muito mais tarde, em 1492, surgiu a palavra canibal, decorrente de um neologismo de escritos de Cristóvão Colombo (1451-1506). Transcorreu do termo “cariba” do idioma *arawan*, falado pela tribo descoberta por Colombo, e significava “selvagem, corajoso ou audacioso”.

Foi em seu diário que o navegador e explorador genovês se referiu aos índios do Caribe como *caribales*. Esses silvícolas foram considerados ferozes porque comiam carne humana. Acredita-se que na transcrição dos manuscritos de Colombo houve a troca da letra “r” pela letra “n” na palavra *caribale*, originando assim a palavra canibal.³ Somente, no século XVII, tal palavra foi incorporada à língua portuguesa.⁴

Por definição, o canibalismo é a prática de um indivíduo matar outro da mesma espécie para se alimentar parcialmente ou completamente de partes do corpo. Entre os animais, esse comportamento é classificado em sete tipos, segundo as relações de parentesco ou relação social entre os indivíduos envolvidos:^{5 6}

- a) Antropofágico (somente entre humanos),
- b) Entre os animais (Intrauterino, Filial, Fraternal, Sexual, Matricial, Patológico),
- c) Celular.

2. ANTROPOFAGIA

O RITUAL *ANTROPOFÁGICO*, também conhecido como Canibalismo Ritual, é o tipo de prática que ainda pode ser observada por diferentes grupos humanos em busca de energia relacionada à habilidade e à força da vítima ou aos rituais que buscam prestar homenagens aos parentes mortos ou simplesmente

pertencentes ao mesmo grupo social. 7 Há registros, através de descobertas fósseis na caverna Moula-Guercy, na França, sugerindo que os Neandertais praticaram o canibalismo há 50 mil anos.^{8 9}

Um fato histórico importante relacionado à antropofagia ritualística foi o registro da epidemia denominada *Kuru*, pelos índios Papuas da Nova Guiné, documentada entre as décadas de 1950 e 1960.¹⁰ O *Kuru* é doença neurodegenerativa e infecciosa, causada por partículas proteicas infecciosas. Essa palavra é de origem aborígine que significa “tremendo de febre e frio”, em referência aos sintomas apresentados pelos adoentados.

Nessa tribo, aqueles que canibalizavam o cérebro de entes falecidos (mulheres e crianças), geralmente contraíam o *Kuru*, conforme descreveu o médico Dr. Daniel Carleton Gajdusek (1923-2008). O cérebro é o tecido com maior prevalência de Príon no corpo humano. Os pesquisadores observaram que os homens da tribo *Fore* não contraíam o *Kuru* porque eles ingeriam os tecidos das mãos e dos pés dos cadáveres de seus antepassados.

O ritual canibal dos *Fore* visava obter a força vital dos antepassados falecidos. Essa doença tem evolução lenta, contudo, as consequências são letais. Ela foi erradicada em orientações aos *Fore* para abandonar este rito mortuário, em meados dos anos 1970.

O *Kuru* é causado por uma proteína alterada no seu formato e denominada Prião, em Portugal, ou Príon, em países que falam o inglês (como também no Brasil). Prião é a sigla para a denominação: *Proteinaceous Infectious Particle*, isto é, Partícula Infecciosa Proteinácea.¹¹ Muito provavelmente, o *Kuru* começou pelos tecidos contaminados com Príon de uma pessoa com a Doença de Creutzfeldt-Jakob (DCJ).¹² Diferentemente das outras doenças neurodegenerativas (Quadro 1)^{13 14}, o *Kuru* é uma doença de evolução rápida, que, entre outros danos, provoca ataxia (perda da coordenação muscular) e tremores. Os indivíduos que se infectaram com Príon podem morrer em até um ano após o surgimento da doença.^{15 16}

Quadro 1. Doenças neurodegenerativas.

• Doença de Creutzfeldt-Jakob – predominantemente em pessoas jovens, abaixo dos 30 anos, com morte prevista em um ano.
• Insônia Familiar Fatal - sintomas aparecem a partir dos 40 anos de idade.
• Síndrome de Alpers - sintomas podem surgir ainda no primeiro dia de vida da criança, até os cinco anos, sendo considerada uma variante de Doença de Creutzfeldt-Jakob.
• Síndrome de Gerstmann-Straussler-Scheinker - sintomas aparecem entre 35 e 60 anos de idade.

Fonte: Cardoso (2012). ¹⁵

O *Kuru* pertencente ao grupo das Encefalopatias Espongiformes Transmissíveis (**EET**), da qual também participa a Encefalopatia Espongiforme Bovina (**EEB**). São reconhecidas como doenças causadas pelo Prião alterado, provocando degenerações cerebrais fatais que ocorrem tanto no homem como em animais.

As **EETs** são caracterizadas pela formação de vacúolos microscópicos na substância cinzenta do cérebro, devido ao acúmulo de uma proteína que causa amiloidose, em função do depósito de proteínas insolúveis em diferentes partes do corpo. ^{17 18} No caso da **EEB**, também conhecida a Doença da Vaca Louca ou o Mal da Vaca Louca, a causa foi a oferta de ração contendo uma farinha de ossos e resto de bovinos abatidos.¹⁹ Essa doença tem um período de incubação de quatro a cinco anos, sendo primeiramente descrita no Reino Unido, nas décadas de 1980 e 1990. ^{20 21}

A antropofagia ou canibalismo entre humanos também foi amplamente praticada por povos de diferentes partes do mundo: África, América do Sul, América do Norte, ilhas do Pacífico Sul e nas Ilhas do Antilhas. Os mais famosos canibais foram os Astecas que habitam o México e praticavam tal ritual por considerarem a carne humana um presente especial dos deuses, muito embora também haja outras interpretações. ²²

Essa civilização pré-colombiana habitava o Vale do México, região da Mesoamérica, cuja capital Tenochtitlán, provavelmente, fundada em 1325. Posteriormente, nessa local foi construído a capital do México. Em 1521, o Império Asteca de Moctezuma II foi conquistado pelos espanhóis sob o comando do espanhol Hernán Cortés de Monroy y Pizarro Altamirano, (Primeiro Marquês do Vale de Oaxaca; 1485-1547).²³ Há relatos de que estes povos canibalizaram seus pares, no século XVI, para suprir a falta de proteína de origem animal (caça e gado) que assolava a região, apesar dos tecidos humanos terem um baixo teor energético.²⁴ Naquele século, o imaginário europeu julgava abominável o canibalismo, a feitiçaria, o politeísmo, a poligamia e a nudez.²⁵

No Brasil, vários grupos de índios praticavam o canibalismo, a exemplo dos Tupinambás, que habitavam o litoral da Região Sudeste atualmente, se localizam os estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo. Esses índios se dividiam em grupos que guerreavam e canibalizavam os guerreiros inimigos capturados, praticando o que se denomina como exocanibalismo ou exofagia.²⁶

Quem revelou ao mundo os costumes dos Tupinambás foi o alemão Hans Staden (1525-1576), um aventureiro mercenário que esteve no Brasil por duas vezes, participando com os portugueses no combate contra navegadores franceses nas Capitanias Hereditárias de Pernambuco e São Vicente que, hoje correspondem aos estados de Pernambuco e Paraíba, na Região Nordeste do Brasil.

A primeira viagem de Staden ao Brasil foi a bordo de um navio português. Na sua segunda viagem, Staden empregou-se como arcabuzeiro de nau espanhola que naufragou, em 1554, na costa do litoral paulista (atual cidade de Itanhaém), onde foi aprisionado durante nove meses por índios Tupinambás. Nessa captura, os Tupinambás canibalizaram somente os portugueses por considera-los mais poderosos que Staden. Isso salvou a vida desse alemão aventureiro.

Porém, Staden foi obrigado pelos índios Tupinambás a ajudá-los no combate contra os índios de uma tribo da etnia Tupiniquins. Antes da chegada dos portugueses ao Brasil em 1500, os Tupiniquins habitavam duas regiões de áreas do litoral e serrana, sul do estado da Bahia (Região Nordeste), até atual estado de São Paulo (Região Sudeste). Foram eles que estabeleceram os primeiros contatos com a esquadra portuguesa do fidalgo, comandante militar, navegador e explorador português Pedro Álvares Cabral (1467 ou 1468–1520). Esses índios prontamente se aliaram aos portugueses contra os franceses, no início do período colonial brasileiro (entre 1530 e 1815).²⁷

As vítimas dos Tupinambás eram abatidas com golpe de tacape na nuca (do tupi *takapé*), uma arma indígena de ataque semelhante à clava. Depois de “abatidos” os inimigos eram assados no moquém (do tupi *moka'ẽ* ou moqueteiro), grelha de madeira também usada para defumar carne ou peixe.^{28 29}

Durante três anos, Staden observou o comportamento canibal dos Tupinambás dentre muitas outras coisas.^{30 31} Mas, por que Hans Staden não foi devorado? Há relatos que os Tupinambás não ingeriam a carne de covardes e medrosos (como Staden) por receio de adquirir tais características. Finalmente, esse alemão aventureiro conseguiu escapar da posse dos Tupinambás, após ter sido resgatado por um navio de piratas franceses.

2.1- CANIBALISMO E O OURO NO BRASIL

Foi durante a fase do Brasil Colônia que houve uma grande parte da extensão territorial que o Brasil tem atualmente. A descoberta do ouro no Brasil, especialmente no estado de Minas Gerais, se deu no final do século XVII. Tal descoberta foi importante para a expansão territorial e para uma nova organização administrativa do Brasil Colônia.^{32 33}

Essa fase foi iniciada pela missão exploradora de Martim Afonso de Souza (militar e administrador colonial português, 1500-1564) em 1530. Oficialmente, essa fase foi finalizada no ano de 1815 quando o então Estado do Brasil foi elevado a Reino de Portugal, Brasil e Algarves, sob regência do príncipe Dom João, o futuro Rei Dom João VI (1767-1826).³⁴

A conquista do território brasileiro que atinge proporções continentais se deu através de diversos conflitos com grupos indígenas canibais como os Tupinambás (**Figura 1**)³⁵ e Botocudos, além dos povos não canibais, tais como os índios Tamoios e os europeus representados por espanhóis, holandeses, franceses, entre outros.³⁶

No início do século XIX, os esforços do Estado português para dominar os povos indígenas independentes foram ampliados e, principalmente, concentrados nos ambientes da Mata Atlântica que abrangia desde o leste de Minas Gerais até o litoral do Rio de Janeiro, Espírito Santo e Bahia. Em 1808, a Coroa Portuguesa declarou guerra aos índios Botocudo que habitavam a Mata Atlântica brasileira. Esse conflito representou uma conjuntura decisiva na história dos índios brasileiros, pois durou até 1830 já na fase do Brasil Império (1822-1889), envolvendo extermínio dos Botocudos e afetando outros povos canibais como os Araweté que, especialmente, que considera o canibalismo como um ato divino que constituía afirmação nuclear da cosmologia.³⁷



Figura 1 – Cena de Tupinambás em ritual para o canibalismo. Fonte: ³⁸

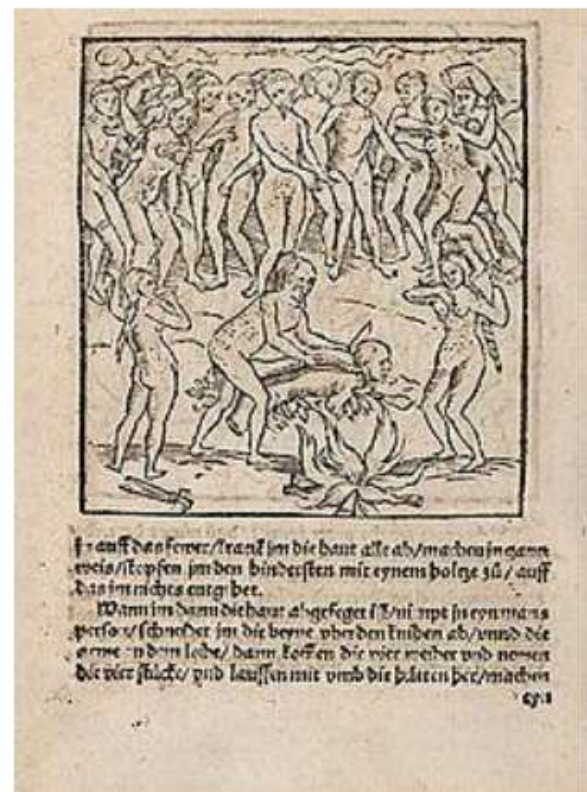
2.2. CANIBALISMO, ARTE, LITERATURA

Quando Staden voltou para Marburgo (hoje, um município da Alemanha), em 1557, escreveu o livro *Duas Viagens ao Brasil* publicado na mesma, atual Alemanha), reunindo as lembranças do que viveu no Novo Mundo com os Tupinambás. O livro relata em detalhes os aspectos da sociedade Tupinambá e suas práticas canibais (**Figura 2A-D**).

(A)



(B)



(C)



(D)



(E)

(F)



Figura 2. Imagens da capa (A) e de figuras ilustrativa (B, C, D) do livro escrito por de Hans Staden, sobre as duas viagens ao Brasil, ilustrando os ritos canibais dos Tupinambás. As capas da versão do livro em português, por Monteiro Lobato (E), e, a da versão infantil (F).³⁹

O livro de Staden, a vivenciada história em uma terra selvagem, situada no novo mundo da América, onde silvícolas nus e cruéis comiam os seus inimigos, foi um grande sucesso na época. Através dos seus relatos ficaram conhecidos os costumes de índios brasileiros e as características da fauna e flora locais.

Foi, então, o primeiro livro impresso que narrou o Brasil, sendo um dos mais importantes documentos sobre o Brasil Colônia. Somente em 1925, esse livro foi traduzido do alemão para o português, pelo escritor e produtor brasileiro José Bento Renato Monteiro Lobato (1882-1948), com o título *Meu Cativeiro Entre os Selvagens do Brasil*. Dois anos depois, Monteiro Lobato lançou uma versão infantil da história: *As Aventuras de Hans Staden* (Figura 1E-F).⁴⁰

Ao longo do tempo, o canibalismo entre as tribos indígenas brasileiras tem sido analisado, por diferentes antropólogos e historiadores, de várias maneiras. Geralmente, os homens canibalizados eram guerreiros capturados em batalhas. O corpo desses rivais era comido em cerimônias com presença de dança e outros elementos ritualísticos que foram documentados em detalhes nos desenhos feitos pelo belga Theodore Bry (1528-1598) com base nos relatos de Staden (Figura 1C, 1D).

Essas ilustrações representam rituais antropofágicos dos Tupinambás, de guerreiros que entendiam a prática da exofagia como a obtenção dos poderes, conhecimentos e qualidades do inimigo que foi vencido. A iconografia e os escritos de Staden promoveram, no século XVI, a ampla divulgação de alguns dos costumes das populações ameríndias daquele tempo, possibilitando as atuais análises historiográficas sobre o tema em questão.

Porém, os Tupinambás não eram os únicos índios brasileiros a praticar o canibalismo e não se sabe exatamente quantos grupos indígenas praticavam a antropofagia à época do descobrimento do país. Na Amazonia Legal há exemplo dos Miraña e outros grupos étnicos que praticavam, no passado, o exo canibalismo e confeccionavam colares com os dentes das vítimas, por vezes figurativas – a exemplo do peixe piranha, considerado a materialização dos espíritos aquáticos canibais.^{41 42 43}

A teoria da predação imaterial remete à metáfora canibal que envolve as tribos dos Yanomami. Eles compõem um povo indígena que habita a floresta amazônica, do Brasil (estados de Amazonas e Roraima) e da Venezuela. Atualmente, só no território brasileiro, os Yanomami reúnem mais 19 mil pessoas que se dividem em vários grupos que são muito diferentes entre si.^{44 45}

Há documentos relatando um “pseudo canibalismo” que perdurou entre os índios brasileiros, até o século XVII, em consequência da catequização pelos Jesuítas, pertencentes à Companhia de Jesus. Entretanto, essa ordem religiosa, criada em 1534, pelo padre Inácio de Loyola, vinculada à Igreja Católica, foi, oficialmente, reconhecida a partir do papa Paulo III, em 1540.⁴⁶

Segundo o historiador brasileiro, John Manuel Monteiro, a catequese contribuiu para a evolução da lógica antropofágica, uma vez que nos cultos católicos há ingestão do ‘sangue e do corpo de Cristo’ - presença real de Cristo na eucaristia, por meio da transubstanciação, que se baseia nas passagens do Novo Testamento Bíblico.^{47 48 49 50}

Outro tipo de sincretismo envolvendo inusitada reinterpretação dos elementos relativos às práticas, canibais foi proposto pelo filósofo francês Michel de Montaigne (1533-1592). Ele escreveu o ensaio *Dos Canibais*, comparando a organização da civilização europeia do século XVI com a tribo dos Tupinambás. Alguns representantes desta tribo estiveram em várias cidades europeias, tais como Lisboa e Paris, numa verdadeira “exposição exótica” para os monarcas europeus.^{30 31 51}

Alguns estudos demonstram a importância dos rituais, envolvendo desenhos e danças, na tribo de Tupinambá de Olivença (Ilhéus, Bahia). Através da análise do *corpus* gráfico que utiliza como sinal diacrítico da condição indígena, é possível compreender os seus *modus* de vida e sistema crenças.

Essa tribo não pratica o canibalismo a muito tempo, diferentemente da tribo Waris (Rondônia, Brasil), canibais agressivos até o fim dos anos 1950. Até aquela época, esses índios separavam a carne dos ossos, sendo desfiada e comida unicamente por parentes consanguíneos do morto, usando pauzinhos, para não tocar no corpo do defunto.

Os ossos eram queimados, pulverizados e comidos com mel. Os xamãs dos Waris acreditavam que o desaparecimento do corpo permitia que a alma alcançasse o mundo subaquático, para onde os mortos devem ir. A ingestão das cinzas dos mortos também é a forma que os Yanomamis homenageiam a alma daqueles que morrem, ritual este mantido até a atualidade. ^{52 53 54 55 56}

As cerimônias canibais contavam com dança e vários outros elementos ritualísticos. ⁵⁷ Foi a partir da Inspiração nas práticas dos índios canibais brasileiros que o filósofo, poeta, escritor, ensaísta e dramaturgo José Oswald de Sousa de Andrade (1890 - 1954) organizou a Semana de Arte Moderna de 1922, com muitos outros artistas importantes da época como Tarsila de Aguiar do Amaral (1886-1973) que pintou o *Abaporu* (1928) que significa: Antropófago em tupi-guarani (**Figura 3**). ⁵⁸

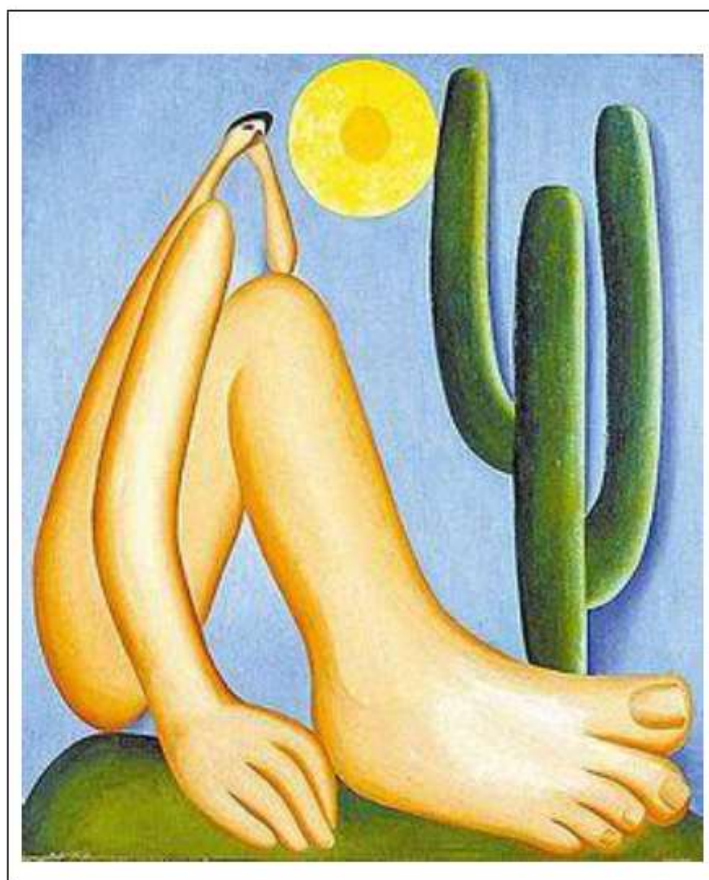


Figura 3. *Abaporu* (1928), pintura à óleo, da artista brasileira Tarsila do Amaral, que retornou em exposição ao Brasil, por várias vezes, inclusive em 2019. ⁵⁹

Em 1995, o *Abaporu* foi adquirido pelo colecionador argentino e Museu de Arte Latino-Americana de Buenos Aires (MALBA, em Palermo, Buenos Aires), Eduardo Francisco Costantini, por US\$ 2,5 milhões, em um leilão realizado na renomada casa de arte e leilões *Christie's* (*Christie's New York Saleroom & Offices*).^{60 61} O Manifesto Antropofágico do Movimento Modernista Brasileiro, de 1928, foi inspirado nesta obra de Tarsila do Amaral. Esse manifesto, de Oswald de Andrade, foi publicado na *Revista de Antropofagia*, consagrando o tema na literatura brasileira modernista, revelando o sentido estético da capacidade da cultura brasileira de absorver outras culturas e tradições e imprimi-las em sua própria arte.^{62 63 64}

Em 1928, Oswald de Andrade utilizou-se do episódio de 1556, ocorrido com o Primeiro Bispo do Brasil, sacerdote português Dom Pedro Fernandes Sardinha, mais conhecido como D. Pero Sardinha (1496-1556), grafar o Manifesto Antropofágico, que foi datado como "Ano 374 da deglutição do Bispo Sardinha".⁶⁵ Nesse episódio a nau que transportava o Bispo e outros passageiros naufragou próximo à foz do rio Coruripe (Alagoas).

Todos foram capturados e canibalizados pelos índios Caetés. Ao fazer uma apologia a este episódio, Oswald de Andrade sinalizava que a antropofagia é um poderoso tabu social que revela o limite entre natureza e cultura para certos povos.

O livro *Devorando o Vizinho* (**Figura 4A**) conta várias histórias sombrias, macabras, bizarras e nauseantes sobre o canibalismo, praticado pelo homem ao longo dos séculos, começando por relatar registros fósseis desse comportamento entre os grupos de homínídeos, muito antes da origem do homem moderno, há cerca de 200 mil anos no nordeste do continente africano.^{66 67}

Os autores do livro *Devorando o Vizinho* focaram em fatos comprovadamente verídicos, descrevendo canibais, suas vítimas ou pessoas que se tornaram voluntárias para serem parcial ou totalmente canibalizadas. São relatos desde a Idade Média até o século XXI, de cunho arqueológico, mostrados por diferentes propósitos e várias de intensidades. Há registros de que o canibalismo estava presente em nossa cultura desde fases remotas da evolução da linhagem dos primatas - neandertais e outros membros primitivos do gênero *Homo*.

O segundo livro (**Figura 4B**) narra a história sobre o sequestro da menina Grace Budd de dez anos, pelo senhor Albert Fish que matou e consumiu a menina, na cidade de Nova York, em 1928. Seis anos depois, Fish escreveu para os pais da vítima, garantindo que não a tinha agredido sexualmente. Esta carta resultou em sua prisão. Apesar da carta, na época, o tribunal retratou Fish como um criminoso, que teve motivação sexual para ser criminoso ao invés do canibalismo.

(A)



(B)

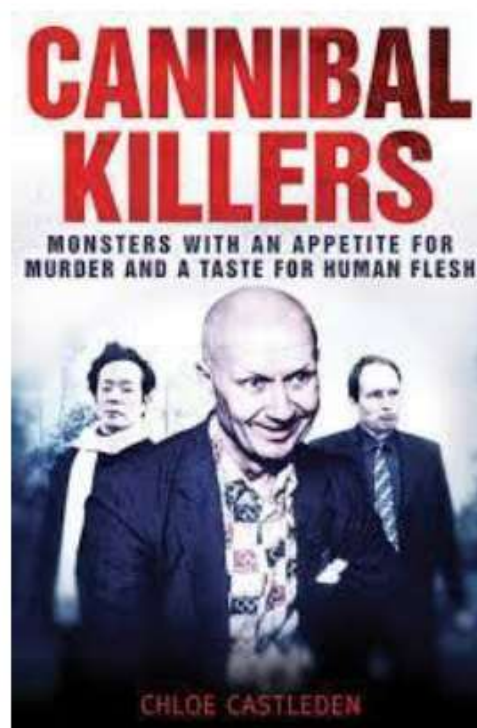


Figura 4 - (A) Capa do livro *Devorando o vizinho - Uma História do Canibalismo*, de Daniel Diehl & Mark P. Donnelly, publicado em 2007 (Editora Globo, Rio de Janeiro, RJ). **(B)** Capa do livro *Cannibal Killers: Monsters with an Appetite for Murder and a Taste for Human Flesh* (*Assassinos de canibais: monstros com appetite por assassinato e gosto por carne humana*), de Chloe Castleden, publicado em 2010 (Skyhorse Pub, New York, NY).

No entanto, depravação sexual e canibalismo estão longe de ser mutuamente exclusivos. Andrei Chikatilo, o açougueiro de Rostov, é prova disso, tendo comido partes dos órgãos sexuais de algumas de suas 56 vítimas. Tsutomu Miyazaki, o Drácula japonês, assassinou meninas, molestou seus cadáveres e bebeu seu sangue. Esses e muitos outros casos, incluindo os de Jeffrey Dahmer, Edmund Kemper, Joachim Kroll (*Duisburg Man Eater*) e Daniel Rakowitz - que assassinou sua colega de quarto e fez sopa com o cérebro dela - são estudados em detalhes assustadores.

Um filme caseiro, gravado na década de 1980 por Jorge Negromonte e Isabel Cristina, mostra uma mulher sendo atacada pelo marido canibal. Vinte anos depois, o casal se tornou protagonista de uma outra história de horror, só que dessa vez real. Os dois, juntos com Bruna Oliveira, mataram,

esquartejaram e comeram a carne de três mulheres. O caso virou notícia no mundo e eles conhecidos como os *Canibais de Garanhuns*.⁶⁸

O romance autobiográfico do japonês Issei Sagawa relata ser de fato um canibal – matou e comeu sua colega de doutorado, a holandesa Renée Hartevelt, de 25 anos. O pior de tudo: em vez de ficar trancafiado numa prisão ou manicômio pelo resto de seus dias, Sagawa virou crítico gastronômico de uma revista do Japão.⁶⁹

No início do século XIX, os esforços do Estado português para dominar os povos indígenas independentes foram ampliados e, principalmente, concentrados nos ambientes da Mata Atlântica que abrangia desde o leste de Minas Gerais até o litoral do Rio de Janeiro, Espírito Santo e Bahia. Em 1808, a Coroa Portuguesa declarou guerra aos índios Botocudo que habitavam a Mata Atlântica brasileira.

Esse conflito representou uma conjuntura decisiva na história dos índios brasileiros, pois durou até 1830 já na fase do Brasil Império (1822-1889), envolvendo extermínio dos Botocudos e afetando outros povos canibais como os Araweté que, especialmente, que considera o canibalismo como um ato divino que constituía afirmação nuclear da cosmologia.

2.3. CANIBALISMO, PSIQUE E SOBREVIVÊNCIA

O canibalismo psicopatológico foi retratado através do personagem Hannibal Lecter, célebre personagem de ficção elaborada pelo escritor Thomas Harris, interpretado pelo ator Anthony Hopkins, em *The Silence of the Lambs* (*O Silêncio dos Inocentes*), de 1991.⁷⁰

Um exemplo de canibalismo famélico, isto é, caracterizado pela extrema escassez de alimentos, foi retratado no filme *Alive* (*Vivos*), de Frank Marshall, história verídica envolvendo o voo 571, da Força Aérea do Uruguai, que colidiu nas montanhas dos Andes, em 13 de outubro de 1972.

O filme, baseado no livro *Alive: The Story of the Andes Survivors, 1974* – de Piers Paul Read (*Os Sobreviventes. A Tragédia dos Andes*), publicado em 1974 pela Editora: Nova Fronteira, Rio de Janeiro 71, narra o trágico acidente aéreo que abalou o mundo quando o avião que fazia um sobrevoo a mais de 4 mil metros de altitude, na Cordilheira dos Andes, a caminho de Santiago no Chile, com rapazes de um time de rúgbi do Uruguai, seus parentes e tripulantes, bateu numa montanha.

Devido ao mal tempo as equipes de resgate demoraram a localizar o grupo que viveu o drama de sobreviver - se alimentando da carne dos que haviam morrido ou padecer de fome - até a chegada do

resgate que nunca os localizou. Parrado e outros dois jovens ficaram incumbidos de fazer a escalada pelas montanhas dos Andes.

No dia 12 de dezembro de 1972, três homens iniciaram a expedição e começaram a escalar os paredões de montanhas cobertas de neve que os rodeavam em busca do povoado chamado Curicó. Ao final de 72 dias, vivendo sem roupas adequadas, a temperaturas que chegavam a -30°C durante a noite, o grupo foi resgatado, após o contato que três passageiros conseguiram fazer com um vaqueiro. O saldo desse trágico desastre: 16 sobreviventes e 23 mortos.

Um canibalismo com requintes sádicos foi realizado em 2001, pelo alemão Armin Meiwes, 44 anos, conhecido como o “Canibal de

Rotemburgo” ou “O Mestre Açougueiro”. 72 Meiwes usava a internet para buscar suas vítimas e foi num anúncio pela rede, em que dizia procurar alguém que, voluntariamente, estivesse disposto a ser devorado. Bernd Jurgen Armando Brandes aceitou ser canibalizado ainda vivo como também desejou consumir parte do seu próprio corpo - no caso o próprio pênis. 73 O fato mais bizarro: Brandes queria que Meiwes arrancasse seu pênis com os dentes, mas este preferiu usar uma faca para decepar o órgão sexual. Depois que o Brandes perdeu a consciência, Meiwes o esfaqueou no pescoço e pendurou o corpo num gancho de açougueiro para esquarteja-lo.

Antes deste fato, entre 1918 e 1924, o alemão Fritz Haarmann, “Vampiro de Hannover” ou “Açougueiro Maluco”, ficou conhecido pelo assassinato e processamento da carne de 24 pessoas (meninos e rapazes) com idades variando entre 10 e 22 anos de idade. Ele fazia salsicha com a carne das vítimas não somente para consumo próprio, mas também para venda também como costela suinã. Por estes crimes e outros (total de 78 vítimas) foi condenado e decapitado em 1925.

Sua cabeça foi mantida para possíveis estudos em formol, até 2005, quando foi cremada. Fritz teve uma infância emocionalmente tumultuada. Segundo relatos, Haarmann nasceu numa família altamente desestruturada. Além do alcoolismo, sua mãe tinha graves problemas psicológicos que a levavam a vesti-lo como menina, tal as cinco irmãs. Quando seu pai chegava em casa e via o filho vestido com roupas femininas, o agredia furiosamente, espancando-o sem dó nem piedade. Na sua empreitada macabra Haarmann, o jovem Hans Grans, de 17 anos, que viria a se tornar seu amante e cúmplice, foi condenado à prisão perpétua. ⁷⁴

Em 1920, o estadunidense Albert Hamilton Fish (1870 – 1936) estuprou, matou e devorou várias crianças em busca de prazer sexual extremo. Entre 1978 e 1990, o russo Andrei Romanovich Chikatilo

(Андрей Романович Чикатило, 1936 –1994), um assassino em série, soviético, de origem ucraniana ficou conhecido como Açougueiro de Rostov.

Na década de 1930, Andrei matou pelo menos 53 pessoas. Também era praticante do canibalismo com conotações sexuais. Ele cresceu com seus irmãos em ambiente de tormento, ouvindo, repetidamente, da sua própria mãe - que sofria de demência - a história do sequestro e assassinato de seu irmão mais velho. Nessa história, o irmão Stepan, teria sido canibalizado, na Ucrânia. Porém, essa história nunca foi comprovada.^{75 76}

Em 2012, no estado de Pernambuco, região Nordeste do Brasil, aconteceu o caso macabro do trio (um homem e duas mulheres), denominado “Os Canibais de Garanhuns”. Eles assassinaram duas pessoas, esquartejaram, consumiram e até adicionaram as suas carnes em produtos alimentícios, isto é, em salgados que foram comercializados no formato de empadinhas.⁷⁷

Em 2017, um caso de canibalismo inusitado foi descoberto no vilarejo de Shayamoya, sudeste da África do Sul, sobre um curandeiro da região⁷⁸ que vivia em um casebre e tinha como apelido "Mkhonyovu", o que significa em zulu "o corrupto. Há relatos que se entregou quando disse estar cansado de comer carne humana.

A polícia só acreditou nessa história quando viu que ele portava uma sacola contendo um pé e uma mão ensanguentados que ele mesmo colocou sobre a mesa. Esses restos mortais pertenciam a Zanele Hlatshwayo, uma jovem de 25 anos que era mãe de um menino de dois anos, então desaparecida por um mês.

A família da vítima achou que ela foi vítima de um grupo praticante de canibalismo, sendo que cinco dos integrantes já estavam presos. Ficou comprovado que por estar desempregado ele fazia isso para conseguir dinheiro vendendo, juntamente com três comparsas, os restos mortais de suas vítimas aos clientes – que, com isso, acreditavam buscar a invencibilidade e até mesmo poderiam se tornar inatingíveis às balas de revolver.^{79 80}

Na China, um homem suspeito pelo assassinato de várias pessoas, retalhar os corpos, negociar a carne como "carne de avestruz" e manter os olhos das vítimas em garrafas em sua casa, foi detido pela polícia. Zhang Yongming morava na província de Yunnan, sudoeste da China, foi preso em uma investigação sobre o homicídio de um jovem de 19 anos. Além deste jovem, verificou-se que algumas pessoas, a poucos metros de sua casa, ao todo 17 pessoas desapareceram sem deixar rastros. O

assassino foi condenado por homicídio e cumpriu uma pena de prisão de, aproximadamente, 20 anos.^{81 82}

No Brasil, os índios Wari', da Amazônia (Pakaa Nova, em Rondônia), tinham um cuidado especial para engordar os seus prisioneiros por algum tempo, para que a carne fosse bem mais palatável. Sob cada diferente cultura o comportamento em questão possui propósitos próprios e peculiaridades.

À exceção das crianças, os membros da tribo podiam comer da carne do inimigo, que era assada e ingerida em grandes pedaços que podiam se diferenciar: o repasto (ingestão de presas animais) e o canibalismo funerário (ao qual eram associados).^{83 84}

Para algumas civilizações como os Celtas, o consumo da carne de seus inimigos também era importante, pois, a ingestão de partes do corpo de um oponente poderia oferecer habilidade, força, integridade e inteligência. Suas qualidades e atributos eram, portanto, incorporados, além da crença de que esta seria uma ótima estratégia para as próximas batalhas. Para os chineses da época da dinastia Chou (1122 a.C. - 255 a. C), os corpos dos mortos eram apresentados como um banquete para comemorar a vitória da batalha e a conquista.

Existem, também, questões religiosas implicadas no canibalismo. É o caso das tribos Ianomâmis, na Amazônia, que usam cinzas de cadáveres, pastas de banana, como forma de entrar em contato com as almas dos que morreram - um exemplo do canibalismo ritualístico.

Mas como explicar a manifestação de comportamentos antropofágicos? 1 Existe outros livros e filmes sobre a temática do canibalismo mostrando a importância desse comportamento na história do Homem.^{85 86 87 88 89 90 91}

2.4. CANIBALISMO E AS LEIS

Em muitos países não existe o que caracteriza canibalismo como crime, pois não há tipificação para tal ato.⁹² Ademais, a complicação jurídica começa pelo simples fato de que o canibalismo não é tão comum. Acontece que este comportamento é enquadrado em outras tipificações - como homicídio ou destruição de cadáver. Outra questão: o canibalismo foge dos preceitos morais e éticos que muitas vezes, a defesa do indivíduo que comeu carne humana alega insanidade mental, alegação que pode tornar seu ato punível penalmente, e que culturalmente a pessoa não está integrada aquela sociedade.^{93 94}

No Brasil, há, no Código Civil, lei específica para punir o canibalismo, à exceção dos casos de necessidade de sobrevivência. Entretanto, “o canibalismo consensual entre adultos representa o teste definitivo para o princípio libertário da posse de si mesmo pelo indivíduo e da ideia de justiça dele decorrente” em consonância com a Lei nº 7.209, Art. 22, de 11/7/1984: se o fato é cometido sob a coação irresistível ou em estrita obediência a ordem, não manifestamente ilegal, de superior hierárquico, só é punível o autor da coação ou da ordem.⁹⁵

De acordo com o filósofo e professor Michael Sandel, da Universidade de Harvard, o canibalismo nada mais é que:

“uma forma extrema do suicídio assistido. Visto que não tem nenhuma relação com o alívio da dor de um doente terminal, a única justificativa cabível é que somos os donos de nosso corpo e nossa vida e podemos fazer com eles o que bem entendemos. Se o argumento libertário estiver correto, seria injusto proibir o canibalismo, por isso violaria o direito à liberdade”.

Estaria assim, de com o Art.23 da Lei nº 7.209, de 11.7.1984 (Brasil): não há crime quando o agente pratica o fato.^{96 97}

No passado, os índios Botocudos que praticavam canibalismo diariamente, os mais horríveis, atroz e bárbaros atos de antropofagia, forçando os colonos do litoral do Espírito Santo, Brasil, a abandonarem a região. Os Botocudos costumavam desmembrar suas vítimas, beber seu sangue e, finalmente, consumiram todas as partes. Tal situação causava grandes prejuízos para os colonos e, conseqüentemente, para a Coroa Real portuguesa. Frente à essa situação, esses índios eram candidatos irremediáveis à escravidão ou às práticas de extermínio de acordo com as políticas e leis vigentes da Coroa Portuguesa e da Capitania do Espírito Santo, sob comando do donatário Vasco Fernandes Coutinho (1490 – 1561), em 1535.^{98 99}

2.5 – CANIBALISMO E OS CONTOS DE FADA.

Nem tudo eram flores

A maioria dos contos de fadas surgiu na Idade Média (século V - século XV), período marcado pela síntese das heranças das culturas romana e dos povos bárbaros que invadiram o Império Romano. Em outras palavras, a Idade Média engloba a queda do Império Romano do Ocidente até a conquista de Constantinopla pelo Império Turco-Otomano. Em decorrência da invasão bárbara em várias cidades importantes como Roma, houve a ruralização da Europa - a evasão da população em busca de refúgio no campo.¹⁰⁰

Dessa forma, nas rodas de camponeses europeus, os contos eram criados e narrados para toda a família e amigos, passando de geração a geração, algumas vezes com versões diferentes, dependendo do grupo cultural. Nesse contexto, os temas abordados envolviam fome, mortalidade infantil, canibalismo e até questões sobre abuso sexual de crianças e adolescentes (**Quadro 2**). ^{101 102 103 104}

Quadro 2 - Origens e versão de contos.

<i>Chapeuzinho Vermelho</i>
1P. Versão Francesa. Após abordar Chapeuzinho na floresta, o Lobo pega um atalho, captura, mata e esquarteja a vovozinha. O Lobo, fingindo ser a velhinha, oferece à neta o sangue e a carne da própria avó e Chapeuzinho ingere tudo achando que se tratava de algum animal. Além disso, o conto tem algumas conotações de abuso sexual de vulneráveis.
2P. Versão Francesa. No século XVII, o escritor e poeta francês Charles Perrault (1628-1703) registrou esse conto em um texto, com o final da história mais sangrento, adicionando à história o fato de o lobo jantar a Chapeuzinho
<i>Versão Alemã.</i> No século XIX, os famosos irmãos alemães Jacob (1785-1863) e Wilhelm Grimm (1786-1859) compilaram vários contos europeus que, até então, só eram transmitidos oralmente. Eles inventaram, ao final da história, a figura do caçador que salva Chapeuzinho e a vovó, abrindo a barriga do lobo com um tesourão. Os irmãos excluíram qualquer menção ao canibalismo ou abuso sexual.

Branca de Neve

- **Versões.** Supõe-se que a história da *Branca de Neve* foi inspirada numa personagem real - a princesa seria a Baronesa Maria Sophia Margaretha Catharina von Erthal. Ela nasceu em 1725 e cresceu num grande e majestoso castelo em Lohr am Main, a 85 quilômetros de Frankfurt, a oeste de Bamberg, no norte da Baviera. Seu pai, um nobre chamado Philipp Christoph von Erthal, após a morte da esposa, mãe de Maria Sophia, em 1741, casou com a Condessa de Reichenstein (Claudia Elisabeth Maria), que era a viúva de Carl Philip da Venningen.

Entre 1719-1748, Philipp Christoph von Erthal foi eleitor da cidade de Lohr e, portanto, considerado como pertencente da família real. Von Erthal, assim como o pai da suposta *Branca de Neve*, era ausente, pois seu trabalho demandava inúmeras viagens dentro e fora do atual território alemão.

A madrasta de Maria Sophia tinha uma especial reputação de ser dominadora e agir em favor de seus próprios filhos.

Um fato que ajuda a aproximar a história de Maria Sofia aquela da *Branca de Neve*: a cidade onde tudo se passou era um famoso centro de produção de vidros e espelhos, tendo o pai de Maria Sophia como o dono de uma das fábricas de espelhos. Atualmente, essa fábrica é o Museu em Lohr que, orgulhosamente, expõe um espelho com a inscrição em francês "Amour Propre" (Amor Próprio). Seria esse o espelho que ele presenteou a madrasta de Maria Sophia? Ou o espelho que falava e que levou a madrasta a encomendar ao caçador o fígado e os pulmões da enteada para devorá-los, cometendo, assim, o canibalismo pseudo-filial?

Porém, na primeira versão dos Irmãos Grimm, de 1810, é a própria mãe de Maria Sofia que consulta o espelho e descobre que Branca de Neve, ainda aos sete anos de idade, já é a mais bela do reino. Ela é obcecada em se tornar a mais bela do reino. O caçador resolve enganar a senhora matando um javali e oferecendo as suas vísceras à malvada rainha Mãe.

Entretanto, muito diferente do que foi escrito pelos Irmãos Grimm e daquilo que foi apresentado na versão de Walt Disney, em 1937,

Maria Sophia (suposta Branca de Neve) não teve um final tão feliz, pois ela ficou cega na juventude e morreu solteira em um convento, aos 71 anos.

Portanto, não deve ter havido a tentativa de canibalismo nem sequer um príncipe encantado, apesar de a região na qual Maria Sophia nasceu ter uma floresta com animais, sete colinas, uma mina de ouro que era explorada por adultos de baixa estatura (anões?) e até crianças que cabiam dentro da estreita passagem da mina. Seriam estes os supostos anões na imaginação dos Irmãos Grimm.

Entretanto, Lohr am Main não é a única cidade a disputar pela verdadeira origem da história de *Branca de Neve*, pois outras três cidades, Alsfeld, Kassel e Langenbach im Taunu também afirmam ter, fortemente, influenciado as inspirações literárias dos Irmãos Grimm.

Em 1986 que o farmacêutico e historiador Karl Heinz Bartels (1937-2016), nascido em Lohr am Main, reuniu várias evidências, ou seja, precedentes históricos que indicavam que a Princesa dos Contos de Fada em questão era Baronesa Maria Sophia, pois os objetos certamente pertenciam a uma mulher nobre nascida em Lohr am Main, ou seja: de uma "Lohrerin".

Pelo sim, pelo não, atualmente o Castelo de Lohr abriga o Museu Spessart e expõe o suposto espelho mágico (**Figura 5**), responsável pela inveja da rainha e de sua frustrada tentativa de canibalismo.

Bela Adormecida

Versão - A verdadeira história da *Bela Adormecida* reúne feitiçaria, canibalismo e até estupro. Além disso, conta com três versões: italiana, francesa e brasileira

Versão Italiana. Giambattista Basile (1566- 1632), soldado e escritor, elaborou, no século XVII, a história "La bella addormentata nel bosco" que conta com a presença de um Ogro. Essa foi a primeira vez que a literatura latina cita esse personagem - uma criatura mitológica do folclore europeu. Geralmente, um Ogro quase sempre é ilustrado como um gigante de aparência grotesca e ações ameaçadoras e que se alimenta de carne humana.

- *Versão Francesa.* Charles Perrault escreveu um final bem violento, tornando a avó da Bela Adormecida uma Ogra que tem o árduo

prazer de comer crianças. Assim, o rei esconde a existência dos seus filhos.

- Por discordar da relação do rei com a Bela, a ogra ordena ao cozinheiro que faça para ela um banquete, contendo como ingredientes principais o neto e a neta. Para enganar a Ogra, o cozinheiro serve carnes de carneiro e cabrito.

E mais: o cozinheiro esconde as crianças e conta seu feito à Bela. Ao ouvir o choro das crianças, a Ogra descobre que foi enganada e resolve cozinhar todo mundo do reino.

Versão Brasileira. Em 1885, Sílvio Romero publicou no livro *Contos Populares do Brasil*, a história de um rei que, mesmo casado, se apaixona pela camponesa Madalena Sinhá durante uma caçada pela floresta.

Com Madalena, o rei constitui uma segunda família que é descoberta por um servo da rainha. Durante a briga entre Madalena Sinhá e a rainha, a primeira mata a segunda com ajuda do rei e o servo acaba degolado. Nesse caso, não houve canibalismo.

João e Maria

Versão - Seguindo uma prática da época, na verdadeira história de João e Maria, por falta de comida, a mãe induz o marido a abandonar os próprios filhos para morrer de fome na mata. O pai não gosta muito da ideia, mas acaba cedendo à ideia da mulher.

Ao ouvirem o plano dos pais, João e Maria resolvem se unir e espalham pedras ao longo da estrada, conseguindo voltar para casa. Porém, em outro episódio eles se perdem, pois os pássaros comem as migalhas de pão que eles utilizaram para marcar o caminho.

As crianças são atraídas por uma casa toda feita de doces. A bruxa espera que as crianças engordem. Contudo, elas a enganam apresentando um graveto no lugar dos dedos para evitar o canibalismo.

Quando a bruxa já lambia os próprios lábios imaginando a janta com os pedaços das crianças, Maria empurra a bruxa dentro do caldeirão. Enquanto morre, as crianças saqueiam a casa e saem correndo, felizes por estarem com os doces e não terem sido canibalizadas.

3. CANIBALISMO ENTRE OUTROS ANIMAIS

A maioria dos autores considera o canibalismo entre os animais selvagens como um tipo de relação ecológica desarmônica, mas que por vezes traz vantagens evolutivas. 105 106 Por definição, canibalismo é a prática de um indivíduo matar outro da mesma espécie para se alimentar parcial ou completamente, podendo ser classificado, entre os animais, em cinco tipos, segundo as relações de parentesco ou social entre os envolvidos (Quadros 1 e 2).

O **Quadro 3** explana as definições dos diferentes tipos de canibalismo entre os animais e o **Quadro 4** fornece exemplos para cada tipo.

Quadro 3. Tipos de canibalismo entre animais.

Categorias
a. Intrauterino - Ocorre entre indivíduos durante o desenvolvimento embrionário, sendo também conhecido como adelfofagia - quando um embrião se alimenta de outro embrião ainda no útero materno. Porém, se embrião em formação se alimenta de ovos ou ovócitos, o fenômeno é denominado ovofagia ¹⁰⁷.
b. Filial - Quando os genitores consomem os seus ovos, larvas e/ou jovens. Geralmente, isso ocorre durante o cuidado parental, envolvendo aproveitamento de ovos fungados e larvas ou jovens defeituosos que não teriam muitas chances de sobrevivência. - Esse tipo de canibalismo também envolve a necessidade do genitor ou da genitora de sobreviver e à imposição de vigiar a prole sem poder se alimentar. Em muitas espécies, os filhotes escapam dos seus genitores, se escondem ou se deslocam para outras áreas, sendo que esse comportamento pode estar relacionado às características genéticas. ¹⁰⁸

c. Fraternal - Esse é o tipo de canibalismo intraespecífico entre irmãos da mesma geração ou gerações diferentes, propiciando redução populacional vantajosa para os sobreviventes.

d. Sexual - É visto como um paradoxo. Pode ocorrer, antes, durante ou depois do acasalamento. Geralmente esse canibalismo é praticado pelas fêmeas. Contudo, pode ser considerada uma forma de adquirir recursos para a reprodução, pelo macho, quando não há prole. Em geral, quando os machos canibalizam suas fêmeas, decorre de condições de extremo estresse. Muitos autores consideram que no contexto da seleção sexual, o canibalismo sexual pós copulatório seria um caso extremo de monogamia, uma vez que o indivíduo predado não terá uma segunda chance de se acasalar. ¹⁰⁹

e. Matrifagia - Um tipo mais extremo de cuidado parental que envolve o consumo da mãe pelos próprios filhotes. Esse comportamento é observável em invertebrados no grupo de anfíbios denominado cecilianos - aqueles da ordem *Gymnophiona*, os ápodos, ou seja, que não possuem membros. ¹¹⁰

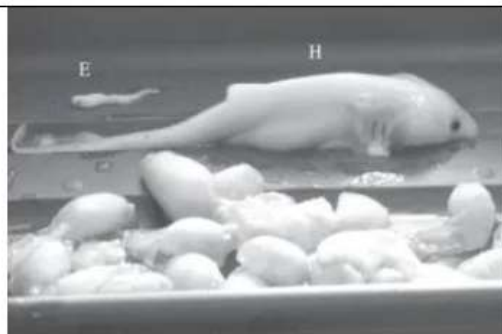
f. Patológico - Fenômeno decorrente da sociabilidade entre animais na natureza ou por imposição de coexistência entre indivíduos de espécies domesticadas - caso de frangos em cultivo intensivo. São consequências de socialização em condições ambientais extremadas: falta de espaço ou alimento; excesso de luz; temperaturas inadequadas; presença de parasitos como piolhos. Essas circunstâncias propiciam a redução ou inibição de feromônios - sentidos responsáveis pelo reconhecimento dos outros indivíduos ou mesmo dos seus próprios filhotes. Desse modo, o canibalismo pode decorrer pela falta de espaço e alimento ou introdução de crias aleias (parasitismo de cria³).

Quadro 4. Exemplos e caracteres de animais que praticam de canibalismo.

a. Canibalismo Intrauterino em tubarão
• Os embriões do tubarão <i>Isurus oxyrinchus</i> Rafinesque, 1810, conhecido como Mako ou anequim (nome brasileiro para a espécie), praticam a adelfofagia, acompanhada ou não pela ovofagia, ², como é demonstrado pelo vídeo <i>Sand Tiger Shark intrauterine cannibalism</i> (https://diversforsharks.com.br/pt/curiosidades-pt/como-nascem-os-tubaroes/) ¹¹¹ • Essa espécie ocorre em mares tropicais e temperados, com temperaturas acima de 16°C, pode atingir 4,3 metros de comprimento, 580 quilos e velocidade de até 88 quilômetros por hora, sendo considerada uma das mais velozes. • Estima-se que o período de gestação dos embriões do Mako ocorra entre 23 a 25 meses. Inicialmente, os embriões desse tubarão se alimentam por meio da ovofagia. Os dentes dos embriões começam a se desenvolver quando eles atingem 26 cm de comprimento. A emergência da primeira fileira de dentes dos embriões ocorre quando atingem 42 centímetros de comprimento. A segunda fileira de dentes emerge no comprimento total de 61 centímetros. • Um estudo conduzido em populações de Mako, que ocupam águas do noroeste do Oceano Pacífico⁸, reportou um embrião macho com 71 centímetros de comprimento, contendo em seu estômago um embrião do sexo masculino com 33 centímetros de comprimento e outro embrião do sexo feminino com 28 centímetros. • Também foi observado que, no estômago de outro embrião com 68 centímetros, havia um embrião macho de 20 centímetros parcialmente digerido. Esses resultados demonstram que a adelfofagia resulta do crescimento desigual entre os embriões na placenta da genitora.



Fonte: 112



Fonte: 99

b. Canibalismo Filial em escorpião, peixe ou perereca

- Em espécies de escorpião do gênero *Tityus* (*T. Serrulatus* e *T. Stigmurus*) o canibalismo filial é comum. Frequentemente, as parturientes comem alguns indivíduos da sua própria cria logo após o nascimento. ¹¹³
- O segundo exemplo envolve uma espécie de peixe, endêmica, do Japão, que habita riachos, *Rhinogobius flumineus* Mizuno, 1960. Um gobídeo conhecido como caboz de areia, alcaboz, alcabroz em Portugal ou maria-da-toca no Brasil. Os machos dessa espécie cuidam dos ovos até que eles eclodam e praticam canibalismo filial parcial. Essa estratégia reduz a densidade da ninhada e possibilita que outras fêmeas depositem novos ovócitos aumentando a variabilidade genética. ¹¹⁴
- Como um segundo exemplo, trago exemplos de algumas espécies de peixes de pequeno porte, que adotam a reprodução vivípara e podem preda seus neonatos, assim que nascem - caso eles não consigam nadar para longe ou se esconder entre rochas, vegetação ou detritos. Tal comportamento é expresso por neonatos de *Poeciliopsis monacha* R. R. Miller, 1960, uma espécie endêmica que habita córregos do oeste mexicano, nas montanhas de Sierra Madre Ocidental. ⁵
- Através do estudo de neonatos oriundos da hibridização entre fêmeas de *P. monacha* (espécie que expressa canibalismo filial) e machos de *P. lucida* R. R. Miller, 1960 (também expressa canibalismo filial) foi possível demonstrar que a expressão de escape ao canibalismo é regulada por características genéticas. ⁵ Em outras

palavras, os neonatos das fêmeas de origem híbrida que expressavam canibalismo apresentam escape inato. Algumas fêmeas de origem híbrida que herdaram o padrão comportamental mais próximo de *P. lucidam* produzem neonatos que não expressam escape tão proeminente.⁸²

- A perereca *Thoropa taophora* Miranda-Ribeiro, 1923 é uma espécie endêmica, ocorrendo somente na floresta da Mata Atlântica brasileira, na região do Estado de São Paulo. Assim como o gobídeo japonês, os machos são poligênicos, pois se acasalam com várias fêmeas no mesmo período reprodutivo. Esses machos competem entre si por uma área muito específica: paredes rochosas que estão posicionadas nas proximidades da lâmina de água de pequenos córregos³.
- O canibalismo filial nessa espécie está associado ao compartilhamento com parte das fêmeas pelo cuidado dos ninhos. Quando os ninhos estão muito próximos um do outro, particularmente nas melhores áreas de procriação, as fêmeas predam seus ovos e juvenis.
- A taxa de canibalismo por parte das fêmeas é reduzida em áreas de menor competição pelo espaço. Quando as fêmeas escolhem um local com reduzida qualidade e, conseqüentemente, menor competição com outras fêmeas, o risco de canibalismo de sua prole diminui significativamente.



• Fonte: ¹¹⁵



Fonte: ⁹¹

c. Canibalismo fraternal em peixes

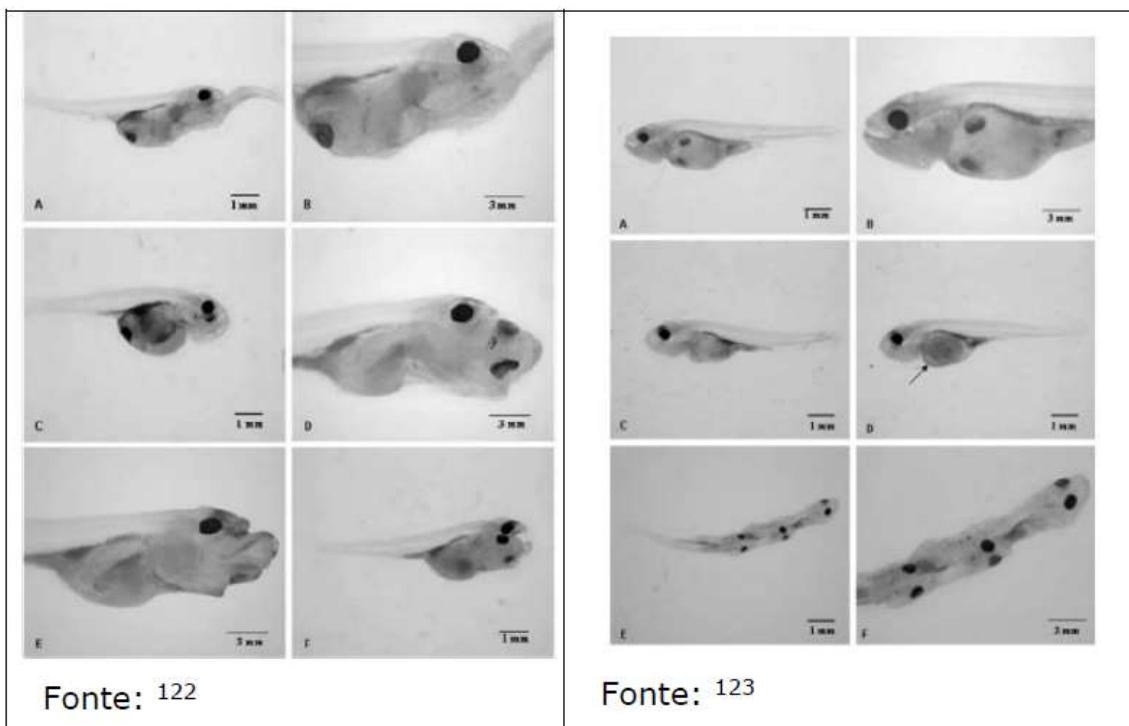
- A espécie do bagre *Pseudoplatystoma fasciatum* Linnaeus, 1766 que é nativa na Guiana, Suriname e Guiana Francesa. Em um experimento realizado na Colômbia, verificou-se canibalismo fraternal tanto na fase da larvicultura como da alevinagem.¹¹⁶ Tal comportamento deve ser favorecido pelo aumento da densidade e a competição pelo espaço.
- O pirarucu *Arapaima gigas* Cuvier, 1829, o maior peixe fluvial do Brasil ¹¹⁷ ("o batalhão brasileiro"), também expressa canibalismo fraternal em condição de confinamento, mesmo não envolvendo a competição por alimento. Há casos de grande variação no crescimento dos juvenis de pirarucu que podem chegar a 10 vezes para o peso total. ¹¹⁸
- Análises do conteúdo estomacal revelaram que a prevalência do canibalismo foi em cerca de 50 - 60 % de larvas, independente da exposição dos ovos ao hormônio de crescimento. ¹¹⁹



Fonte: ¹²⁰



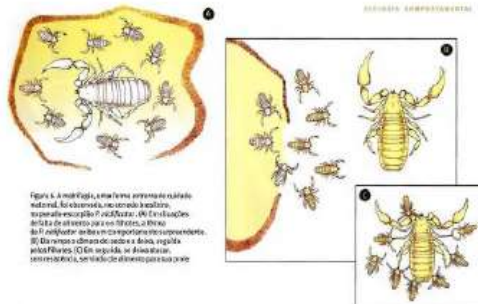
Fonte: ¹²¹



d. Canibalismo Sexual

- Diferentes grupos taxonômicos de invertebrados expressam o canibalismo sexual, especialmente aranhas de pelo menos 11 famílias que englobam mais de 50 espécies. As aranhas popularmente conhecidas como viúva-negra pertencem ao gênero *Latrodectus* Walckenaer, 1805 e apresentam distribuição cosmopolita com 32 espécies válidas. ⁶
- No louva-a-deus, a ocorrência de canibalismo sexual foi observada em 16 espécies. Outros grupos taxonômicos que expressam o canibalismo sexual são: escorpiões, besouros, mosca, mosquitos, grilos, gafanhotos, polvo e pequeno crustáceo, conhecidos como pulga d'água.



Fonte: 124	Fonte: 125
e. Matrifagia	
•As fêmeas do Pseudoescorpião constroem câmaras de seda dispostas lado a lado, onde se abrigam com as bolsas embrionárias. Quando os filhotes nascem eles podem canibalizar a própria mãe que não resiste ao ato. •Esse é considerado como caso sofisticado de sociabilidade são encontrados no gênero <i>Paratemnoides</i> Harvey, 1991, com registro de cuidado maternal, envolvendo a matrifagia, que possivelmente diminui o canibalismo entre as ninfas em caso de escassez de recursos. 126 127 128 129 130 131 132	
 Fonte: 103	Matrifagia  Fonte: 103
f. Canibalismo Patológico	
•Vários fatores ambientais e biológicos promovem o canibalismo. Uma situação de estresse produzida por qualquer destes fatores pode dar lugar a múltiplos problemas de difícil detecção e, portanto, difícil solução. Por exemplo, um processo de bicagem degenerada em sua fase mais dura, que causa o comportamento canibal. •A pterofagia (infestação intensa por piolhos) é um dos principais responsáveis pela bicagem que começa com frangos arrancando as penas entre si. Os animais se bicam no peito, dorso, início da cauda e região da cloaca. Algumas galinhas chegam a perder completamente as penas das costas. 133	

- Para evitar o canibalismo entre as galinhas, costuma-se introduzir galos no aviário, para reduzir o nível de estresse das mesmas.
- Em caso de ocorrer ferimentos se deve separar e tratar as aves feridas, tratar com unguento ou pasta de alho e colocar os animais em salas de recuperação. No Brasil, as caipiras negras são aves mais agressivas e não devem ser cultivadas com outros tipos galinhas. ¹³⁴



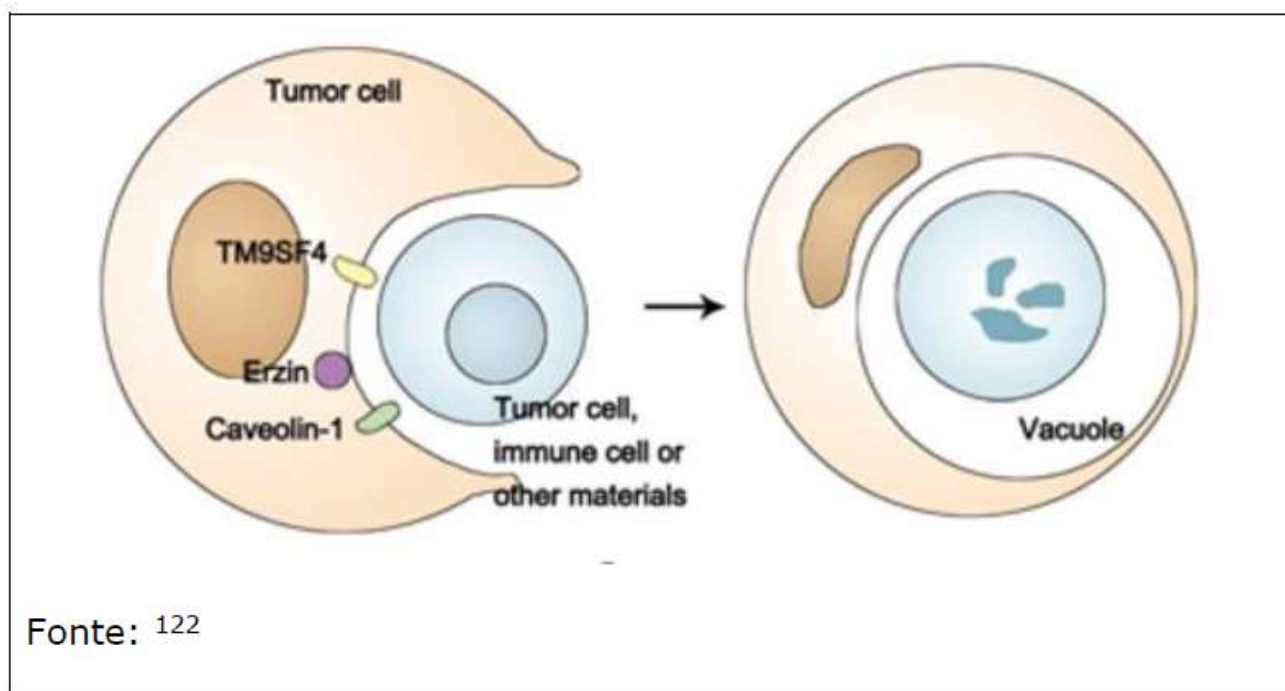
Fonte: ¹³⁵



Fonte: ¹³⁶

g. Canibalismo Celular

- O canibalismo celular ocorre quando uma célula envolve, mata e digere outra e a divisão celular se torna descontrolada que gera o câncer. No processo de canibalismo, as células hospedeiras engolfam, ativamente (ou outras células), causando a morte celular destas. Assim, o canibalismo celular pode ter um papel a desempenhar na resistência à evolução do câncer. ¹³⁷ Tal fenômeno envolve a proteína transmembrana denominada TM9SF4 (*Transmembrane 9 Superfamily Protein Member*) - proteína transmembrana da superfamília 9 -, pois é altamente expressa em células de melanoma maligno humano decorrentes de lesões metastáticas.
- O TM9SF4 é predominantemente expresso em vesículas ácidas de células de melanoma. O silenciamento da proteína TM9SF4 induz a inibição da atividade canibal. ^{138 139 140 141 142}



4. QUESTÃO SOBRE CANIBALISMO SEXUAL

O comportamento de corte dos machos facilita ou dificulta o canibalismo sexual? O canibalismo sexual é um caso extremo de monogamia por parte dos machos? Esse tipo de comportamento confere vantagens reprodutivas às espécies e suas proles? Essas perguntas podem receber uma resposta afirmativa ou negativa dependendo dos autores, das espécies envolvidas e até mesmos dos casais observados, individualmente. ⁶

O canibalismo pré-copulatório é visto como uma consequência do investimento inadequado dos machos nas táticas de corte ou pela baixa qualidade de requisitos necessários para serem escolhidos pelas fêmeas durante a seleção sexual. ⁶³

O canibalismo durante após a copulação é considerado caso extremo de monogamia – no qual o macho ingerido não terá uma segunda chance de se acasalar. Por exemplo, a viúva-negra-americana *L. mactans* (Quadro 2) é uma espécie distribuída por todo continente americano. A fêmea dessa espécie possui coloração negra brilhante, com larga mancha vermelha em forma de ampulheta na superfície ventral do abdômen. No Brasil, essa aranha tem grande importância médica pela ação de seu veneno. ¹⁴³

A espécie *L. mactans* é encontrada próxima ao mar, sobretudo em praias pouco frequentadas, sendo amplamente distribuída em torno da Baía da Guanabara, no estado Rio de Janeiro. O comportamento dos machos de viúva-negra diante das investidas canibais das fêmeas pode variar muito. As fêmeas de

viúva-negra europeia que ocorre na região mediterrânea (*L. tredecimguttatus* Rossi, 1790) são, igualmente, venenosas e podem canibalizar seus machos.¹⁴⁴ Machos de algumas espécies de aranhas se deixam canibalizar com facilidade e até mesmo chegam a posicionar o seu abdômen próximo às quelíceras das fêmeas para serem devorados.

Por outro lado, alguns machos utilizam uma estratégia de defesa e escape durante a cópula, segurando uma presa viva, como presente nupcial para a fêmea enquanto finge estar morto: expressa a tanatose. É o caso da espécie *Pisaura mirabilis* Clerck, 1757, conhecida como aranha-de-berçário, em Portugal. 145 Aqui, enquanto a fêmea se alimenta da presa, o macho “ressuscita” e introduz um bulbo contendo espermatozoides nela, realizando com sucesso tanto o ato sexual como o escape do canibalismo.

Outra exuberante estratégia de defesa contra o canibalismo sexual foi observada em machos de tarântula de diferentes espécies do gênero *Lycosa* Latreille, 1804. Machos de algumas espécies desse grupo de aranhas preferem acasalar com fêmeas que acabaram de fazer muda para crescer, isto é que realizaram a troca do exoesqueleto¹⁴ - a ecdise. Estrategicamente, durante a corte, os machos utilizam parte da carapaça deixada pelas fêmeas como um escudo protetor contra o canibalismo.

A autotomia (automutilação) também é uma estratégia adotada por machos de aranhas para evitar o canibalismo sexual. Por exemplo, machos da espécie *Nephilengys malabarensis* Walckenaer, 1842, que ocorrem no sudeste da Índia, se separam da pata especializada em introduzir nas fêmeas o bulbo contendo espermatozoides. Desse modo, eles fazem uma autotomia que resulta numa castração permanente uma vez que a pata não é recuperada.¹⁴⁶

Essa pata que foi deixada dentro do trato reprodutivo da fêmea funciona como um tampão sexual, que impede que ela se acasale com outro macho durante o período reprodutivo em vigor, garantindo assim a paternidade. Esse é outro exemplo de monogamia ao extremo para o macho que sacrificou sua pata em nome da própria vida. Quando os machos são canibalizados durante ou após a cópula, estarão contribuindo para a melhor condição nutricional das fêmeas e, conseqüentemente, de suas proles.

As fêmeas do Louva-a-Deus, *Acheta domesticus* Linnaeus, 1758, que canibalizam seus machos durante a cópula, produzem em média o dobro de ovos em relação às fêmeas que não expressam esse comportamento.¹⁴⁷

Com o uso de marcadores isotópicos (¹⁴C e ³H) foi verificado que as fêmeas de Louva-a-Deus que canibalizaram parte do corpo de seus machos, durante o acasalamento, ganharam 12,4 vezes mais

massa corporal em comparação com as fêmeas que não se alimentaram dos machos durante a cópula. 148 O vídeo do Clube da Biologia mostra, didaticamente, como ocorre o Canibalismo Sexual em Louva-a-Deus. ¹⁴⁹

5. QUESTÕES SOBRE O CANIBALISMO CELULAR

O canibalismo celular ocorre quando uma célula saudável envolve, aniquila e digere outra célula fisiologicamente alterada, evento muito comum em tecidos tumorais. Deste modo, esse processo fisiológico atua contra a malignidade do tumor, se alimentando de outras células em condição de baixo suprimento de nutrientes e escapando da reação imune antitumoral mediada por tumor, infiltrando linfócitos e depois “comendo-os”. Uma das características fundamentais do cancro é a divisão celular descontrolada.

Assim, o canibalismo celular é desencadeado pela divisão celular anormal e descontrolada – uma característica do câncer. Esse tipo de canibalismo está relacionado à resistência do organismo à essa doença, sendo, atualmente, definido como um fenômeno no qual o conjunto de uma célula maior engloba uma célula menor, formando, geralmente, um grande vacúolo citoplasmático. ¹⁵⁰

Alguns autores sugerem que o canibalismo das células tumorais representa uma “regressão a um estilo de vida mais simples ancestral ou primitivo”, pois as células de melanoma metastático compartilham com as amebas uma proteína transmembrana TM9SF4. Seria o microambiente hostil que coloca as células cancerosas em um tipo de “mundo primitivo”, onde as células lutam contra os outros para sobreviver?

6. FINALIZANDO

Seria o canibalismo um caso extremo de predação ou estaria intimamente arraigado à história evolutiva dos animais que pode trazer vantagens evolutivas no cenário reprodutivo e de regulação populacional?

Será que o canibalismo celular é sempre uma forma natural e mais efetiva de combater os tumores malignos?

De qualquer modo, o canibalismo animal confere reaproveitamento de energia na eliminação do ser menos apto nas populações; e favorece à prole, haja vista as mães que canibalizaram os machos (canibalismo sexual) ou que se deixam canibalizar pelos filhotes (matrifagia). Como mencionado, uma significativa redução populacional em até 10% na tribo Fore ocorreu devido à transmissão de doença

neurodegenerativa, *Kuru*, que fora a presença de prião, até a década de 1950, quando foi descoberta e os funerais com rituais cabalísticos foram proibidos.

Porém, em 2009, estudos realizados com as mulheres idosas que sobreviveram ao *Kuru*, revelaram que elas expressavam duas mutações do PrP, em aminoácidos específicos da proteína. Experimentos realizados com ratos expostos a somente uma cópia do gene mutante, passaram a ter certo grau de resistência a doenças priônicas.

Entretanto, os ratos que receberam duas cópias da mutação ficaram completamente resistentes ao *Kuru*.¹⁵¹ Indaga-se: será que se não fosse a proibição dos rituais funerários dos *Fore*, hoje, todos os membros da tribo estariam resistentes à doença e reverenciando seus antepassados mortos do mesmo jeito? Há estudo que descreveu a existência de genes da proteína prion, consistente com epidemias pré-históricas, semelhante ao *Kuru*, em populações europeias, africanas e japonesa.¹⁵²

Seria o canibalismo criminoso “uma invenção” ocidental, inicialmente aplicada às sociedades indígenas para justificar ações dos colonizadores - como propôs William Arens em seu livro *The Man-Eating Myth: Anthropology and Anthropophagy* (Oxford University Press, 1979).^{153 154}

Como já vimos, entre os ameríndios, nos séculos XVI e XVII, o canibalismo ritualístico envolvia o engrandecimento dos guerreiros e até mesmo rituais funerários tendo como justificativas honrar os antepassados. Esses rituais de funeral também eram os praticados pela tribo *Fore*, da Papua-Nova Guiné, país de Oceania (até o momento em que foi proibido) que apresentavam a maior diversidade cultural do mundo com um total 832 línguas em uso, por cerca de 6.200 habitantes numa área de 462.840 km².

Atualmente, o canibalismo é enquadrado na categoria de *crime*, num olhar que somente o saber psiquiátrico justifica, especialmente quando o canibalismo envolve vítima voluntária. Porém, alguns autores propõem que os colonizadores europeus se utilizaram da antropofagia dos povos nativos como uma justificativa plausível para aplicação de medidas preventivas, punitivas e até técnicas de submissão aos costumes do Velho Mundo, como tem sido apresentado em várias obras artísticas.

Artistas brasileiros, em diferentes tempos, evocam o canibalismo indígena, como ponto positivo cultural que teve importantes debates e reflexões. Como exemplos: o filme *Como era gostoso meu francês* (Nelson Pereira dos Santos, 1971); e o livro *A utopia no cinema brasileiro: matrizes, nostalgia, distopias*, de Lúcia Nagib (2006), mobilizaram, no imaginário do descobrimento do Brasil, a cultura nativa, especialmente rituais de canibalismo.^{155 156} Desde o início vinculado à visão do Novo Mundo,

a figura do canibal frequentava a galeria dos seres fantásticos, monstros que não se adequavam à ideia do *bom selvagem*.

Em *Dos canibais*, o pensador francês Michel Eyquem de Montaigne (1533-1592) foi o primeiro a associar ambas as representações, valorando positivamente o canibalismo enquanto crítica à sociedade de seu tempo, num exercício de "retórica negativa" que enaltecia justa e idealisticamente, e, de modo justo, as ausências das sociedades indígenas.

Montaigne elaborou um conjunto de reflexões, práticas e morais, em forma de *Ensaio*s, construindo uma desconcertante percepção relativa aos donos originais da *terra brasilis*, por considerar que mesmo sendo canibais, os índios que habitavam, não seriam bárbaros ou selvagens.^{157 158}

Segundo Bill Schutt: "o canibalismo é muito comum no reino animal," sendo que os humanos não são exceção. Na verdade, o que nos torna diferentes dos outros animais são os rituais, as referências culturais e os tabus envolvidos. A sociedade atual ensina aos homens que o canibalismo sempre é a pior coisa que uma pessoa pode fazer aos seus.¹⁵⁹

Porém, historicamente, o canibalismo, na árvore genealógica humana, remonta a cerca de 800 mil anos. Há provas que foram encontradas e analisadas por arqueólogos, de que havia canibalismo entre homens que habitavam cavernas de território atualmente localizado na Espanha. Os ossos de pelo menos 11 crianças e adolescentes humanos foram encontrados na caverna de Gran Dolina, nas montanhas Atapuerca, ao norte da Espanha.

Esses ossos contêm sinais de cortes e outras marcas que provavelmente, foram realizadas por ferramentas primitivas confeccionadas com pedra. Nesse local também foram encontrados ossos de bisões, veados, carneiros selvagens e outros animais. Os ossos humanos também revelaram sinais de esmagamento com evidências de que os cérebros das vítimas também tinham sido consumidos.

O fato desse achado, contendo ossos humanos com restos de outros animais como bisontes, ovelhas e veados, sugere que, possivelmente, práticas religiosas não estavam envolvidas nos atos de canibalismo.¹⁶⁰ Assim, novos achados e novas pesquisas podem trazer outras evidência da ocorrência ou até novos tipos de canibalismo.

7. REFERÊNCIAS

- 1 Cronos. Quem foi Cronos, Deus da Mitologia Grega. Significados. 2022. Disponível em: <https://www.significados.com.br/cronos/> Acesso em: fev. 2022.
- 2 Breno Rosostolato. Antropofagia: o canibalismo sob a luz da psicologia. 2014. Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/artigos/antropofagia-o-canibalismo-sob-a-luz-da-psicologia> Acesso em: fev. 2022.
- 3 Luiz Carlos Uchôa Junqueira Filho. As contradições da sobrevivência humana. IDE, v. 40, v. 64, p. 55-66, 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ide/v40n64/v40n64a05.pdf> Acesso em: fev. 2022.
- 4 GABRIEL, M. Palavras e origens. 2ª. Edição, Editora Saraiva, Rio de Janeiro. 2010.
- 5 ELGAR, M. A. E CRESPI, B. J. Cannibalism – Ecology and evolution among diverse taxa. Oxford Science Publication. 1992.
- 6 LIMA, Neuza Rejane Wille. Biologia quase ao Extremo. 1ª. Edição. Associação Brasileira de Diversidade e Inclusão (ABDI)/Perse, 2006.
https://www.researchgate.net/publication/316181304_Biologia_quase_ao_Extremo Acesso em: jan. 2022.
- 7 AGNOLIN, A., Antropofagia ritual e identidade cultural entre os Tupinambá. Revista de Antropologia, 45, 131-185, 2002. <http://www.scielo.br/pdf/ra/v45n1/a05v45n1.pdf> Acesso em: jan. 2022.
- 8 Sarah Everts. Europe's Hypocritical History of Cannibalism. Smithsonian Magazine. 2013. Disponível em: <https://www.smithsonianmag.com/history/europes-hypocritical-history-of-cannibalism-42642371/> Acesso em: jan. 2022.
- 9 Alban Defleur, Tim White, Patricia Valensi, Ludovic Slimak, Évelyne Crégut-Bonnoure. Neanderthal cannibalism at Moula-Guercy, Ardèche, France. Science, v. 286, n. 5437, p. 128-131, 1999. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/277469924_Neanderthal_Cannibalism_at_Moula-Guercy_Ardeche_France
- 10 History Channel Brasil. Conheça Kuru, a misteriosa doença de uma tribo canibal. 2016. <https://history.uol.com.br/historia-geral/conheca-kuru-misteriosa-doenca-de-uma-tribo-canibal> Acesso em: jan. 2022.
- 11 Martin, V. R. A receptor for infectious and cellular prion protein. Brazilian Journal of Medical and Biological Research, v. 32, p. 853-859, 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bjmb/a/NSkWTfsx5dLbSBQJLrbSc8R/?format=pdf&lang=en> Acesso em: jan. 2022.
- 12 Southern Nevada Health District, Doença de Creutzfeldt-Jakob (DCJ). 2018. Disponível em: <http://www.southernnevadahealthdistrict.org/pt/Health-Topics/creutzfeldt-jakob-disease-cjd/> Acesso em: jan. 2022.

- 13 Moreira, Conceição Maria Batista. Príons e as encefalopatias espongiformes transmissíveis. Monografia. (Bacharelado em Ciências Biológicas). Centro Universitário de Brasília, Faculdade de Ciências da Saúde, Brasília, DF, 2003. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/235/8922/1/9911319.pdf> Acesso em: jan. 2022.
- 14 Henrique Pott Jr., Maria Cristina Furian Ferreira, Amilcar Castro de Mattos. Síndrome de Alpers uma variante da Doença de Creutzfeldt-Jakob? Revista de Neurociências, v. 19, n. 4, p. 663-667, 2011. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/neurociencias/article/view/8339/5873> Acesso em: fev. 2022.
- 15 Mayara Cardoso. Príon. 2021. Disponível em: <https://www.infoescola.com/bioquimica/prions/> Acesso em: fev. 2022.
- 16 Doença de Creutzfeldt-Jakob (DCJ). 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/d/doenca-de-creutzfeldt-jakob-dcj> Acesso em: fev. 2022.
- 17 WHO. Infections control guidelines for transmissible spongiform encephalopathies. WHO/CDS/CSR/APH/2000.3, 1999. Disponível em: <http://www.who.int/emc> Acesso em: mar. 2022.
- 18 Amiloidose. Pfizer. 2020. <https://www.pfizer.com.br/sua-saude/doencas-raras/amiloidose> Acesso em: mar. 2022.
- 19 Ferrari, Murillo. Entenda o que é o 'mal da vaca louca', identificado em bovinos de MG e MT. CNN Brasil. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/entenda-o-que-e-o-mal-da-vaca-louca-identificado-em-bovinos-de-mg-e-mt/> Acesso em: mar. 2022.
- 20 AABP. Special Report: Bovine spongiform Encephalopathy - A fact sheet for veterinarians. American Association of Bovine Practitioner: News Letter Supplement, 1996. 4 p. APHIS. Bovine espongiforme encephalopathy. Factsheet: veterinary services of Animal and Plant Health Inspection Service (APHIS-USDA). 1998. Disponível em: <http://www.aphisusda.gov> Acesso em: mar. 2022.
- 21 ORTOLANI, Enrico Lippi. A doença da "vaca louca" e suas lições epidemiológicas. O Buiatra, 2000 v. 17, n. 2, 2000. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001123656> Acesso em: mar. 2022.
- 22 Oscar Calavia Sáez. O canibalismo asteca: releitura e desdobramentos. MANA 15(1): 31-57, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/BtsV6vZjmnVRTcFpGHGpbPh/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: mar. 2022.
- 23 Astecas. História do Mundo. 2021. Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/asteca> Acesso em: mar. 2022.
- 24 Oliveira, Suzana Rodrigues de. Por uma história possível: o feminismo e o sagrado nos discursos dos cronistas e na historiografia do Império Inca. Tese. (Doutorado em História Universidade de Brasília. 2006. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/2321/1/SUSANE%20RODRIGUES%20DE%20OLIVEIRA.pdf> Acesso em: mar. 2022.
- 25 Erika Engelhaupt. Estudo sobre o canibalismo mostra que os seres humanos não são tão nutritivos como se achava. National Geographic, 2019. Disponível em: <https://www.natgeo.pt/historia/estudo-sobre-o-canibalismo-mostra-que-os-seres-humanos-nao-sao-tao-nutritivos-como-se> Acesso em: mar. 2022.

26 Silva, Corrêa, Margarida Maria da. Da construção do olhar europeu sobre o novo mundo ao (re) descobrimento do reino tropical. Dissertação. (Mestrado em História das Sociedades Agrárias). Universidade Federal de Goiás, GO. 1997. Disponível em:

https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/113/o/CORR_A__Margarida_Maria_da_Silva._1997.pdf
Acesso em: mar. 2022.

27 Tupiniquim. Britannica Escola. 2022. Disponível em:

<https://escola.britannica.com.br/artigo/tupiniquim/483614#:~:text=Os%20tupiniquins%20s%C3%A3o%20um%20grupo,frota%20ao%20Brasil%2C%20em%201500>. Acesso em: mar. 2022.

28 FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo dicionário da língua portuguesa. 2ª edição. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 1986. Acesso em: fev. 2022.

29 NAVARRO, Eduardo de Almeida; SUASSUNA, Ariano. Dicionário tupi antigo: a língua indígena clássica do Brasil: vocabulário português-tupi e dicionário tupi-português, tupinismos no português do Brasil, etimologias de topônimos e antropônimos de origem tupi. Global. São Paulo, 2015. Acesso em: fev. 2022.

30 Carneiro da Cunha, Manuela, Viveiros de Castro, Eduardo. 1985. Vingança e temporalidade: os Tupinambá. *Journal de la Société des Américanistes*, v. 71, tome, 19, p. 129-208. Disponível em: <http://biblioteca.funai.gov.br/media/pdf/Folheto38/FO-CX38-2354-97.PDF> Acesso em: fev. 2022.

31 AGNOLIN, Adone. Antropofagia ritual e identidade cultural entre os Tupinambá. *Revista de Antropologia*, v. 45, n. 1, p. 1-47. 2002. Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/27151/28923> Acesso em: fev. 2022.

32 IBGE. Território Brasileiro e Povoamento. Construção do Território. Descoberta do Ouro. 2022. Disponível em: <https://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/construcao-do-territorio/descoberta-do-ouro.html> Acesso em: fev. 2022.

33 Queiroz, Túlio. Brasil Colônia. 2022. <https://mundoeducacao.uol.com.br/historiadobrasil/brasil-colonia.htm> Acesso em: jan. 2022.

34 Lima, Oliveira. Dom João VI no Brazil. Vol. I. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Commercio, 1908. Disponível em: <http://archive.org/details/domjoovinobraz01lima/page/n9/mode/1up?view=theater> Acesso em: jan. 2022.

35 Fernandes, Cláudio. Canibalismo dos Tupinambás. História do Mundo. 2022.

<https://www.historiadomundo.com.br/curiosidades/canibalismo-dos-tupinambas.htm> Acesso em: jan. 2022.

36 Eduardo B. V. de Castro: Os deuses canibais. *Revista de Antropofagia*, v. 27/28, p. 55-90, 1984/1985. Disponível

em: http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Acastro-1985-deuses/Castro_1985_OsDeusesCanibais.pdf Acesso em: jan. 2022.

37 Rassie, Luciana Wrege r. (Re)pensando a História a partir da Literatura: Meu querido canibal, de Antônio Torres. Fragmentos, n. 39, p. 61-71, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/fragmentos/article/view/29650/24802> Acesso em: jan. 2022.

38 RASSIE, Luciana Wrege. (Re)pensando a História a partir da Literatura: Meu querido canibal, de Antônio Torres. Fragmentos, n. 39, p. 61-71, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/fragmentos/article/view/29650/24802> Acesso em: jan. 2022.

39 Meisterdrucke. Theodore de Bry. 2021. <https://www.meisterdrucke.pt/artista/Theodore-de-Bry.html>

40 Luciana Villas Bôas. Nus, ferozes e canibais. Ciência Hoje. 2011. Disponível em: <https://cienciahoje.org.br/artigo/nus-ferozes-e-canibais/> Acesso em: jan. 2022.

41 Carlos Fausto. Banquete de gente: comensalidade e canibalismo na Amazônia. MANA, v. 8, n. 2, p.7-44, 2002. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/mana/a/GfzkLC6Xx7DVsqmNjzhDmjL/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: jan. 2022. 42 Brasileira Iconográfica. 2017. Disponível em:

<https://www.brasilianaiconografica.art.br/artigos/20225/theodore-de-bry-e-as-primeiras-imagens-do-brasil> Acesso em: jan. 2022.

43 GARNELO, L. Cura e Cuidados de Saúde. In: Poder, hierarquia e reciprocidade: saúde e harmonia entre os Baniwa do Alto Rio Negro [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2003, pp. 69-80. Saúde dos povos Indígenas collection. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/zhfmd/pdf/garnelo-9786557080122-06.pdf> Acesso em: maio 2022.

44 URIHIPÊ, Kami Yamaki. Nossa Terra-Floresta. <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Yanomami>

45 RAMALHO, Moisés. Os Yanomami e a morte. Tese. (Doutorado em Antropologia Social). Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2008. Disponível em:

https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-04052009-154152/publico/MOISES_RAMALHO.pdf Acesso em: maio 2022.

46 SILVA, Daniel Neves. O que eram os Jesuítas? Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/historia/o-que-eram-os-jesuitas.htm> Acesso em: maio 2022.

47 Rainer Gonçalves Sousa. O canibalismo entre os índios tupinambás. História do Brasil. Brasil Colônia. Mundo Educação. Disponível]

em: 2021. <https://mundoeducacao.uol.com.br/historiadobrasil/o-canibalismo-entre-os-indios-tupinambas.htm> Acesso em: maio 2022.

48 FERNANDES, Cláudio. Canibalismo dos Tupinambás. História do Mundo. 2022. Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/curiosidades/canibalismo-dos-tupinambas.htm> Acesso em: fev. 2022.

49 SANCHEZ, Giovana. Como eram os rituais de canibalismo dos índios brasileiros? Superinteressante, 2018. Disponível em: <https://super.abril.com.br/historia/como-eram-os-rituais-de-canibalismo-dos-indios-brasileiros/> Acesso em: fev. 2022.

50 ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. O lugar dos índios na história: a contribuição de John Monteiro. *Fronteiras & Debates*, v. 2, n. 1, p. 13-14, 2015. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/index.php/fronteiras/article/view/2512/mariav2n1.pdf> Acesso em: fev. 2022.

51 Ilza Cristina Gawlik Silva. A perspectiva do professor PDE. A sobrevivência da antropofagia de Oswald de Andrade no tropicalismo PDE: Os desafios da escola pública paranaense. v. 1, 2013. Disponível em:

http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_fafiuv_port_artigo_ilza_cristina_gawlik.pdf Acesso em: fev. 2022.

52 Arnt, Ricardo. O sabor da própria carne. Superinteressante. 2016. <https://super.abril.com.br/historia/o-sabor-da-propria-carne/> Acesso em: fev. 2022. 53 O prato original. Superinteressante. 2016. Disponível em: <https://super.abril.com.br/historia/o-prato-original/> Acesso em: jan. 2022.

54 Paiva, Anderson dos Santos. Corpus gráfico Tupinambá: identidade iconográfica ameríndia. I Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, Bahia, Brasil, Anais... 2005. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecul2005/AndersondosSantosPaiva.pdf> Acesso em: jan. 2022.

55 Paiva, Anderson dos Santos. Arte gráfica e pintura corporal Tupinambá de Olivença. III Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, Bahia, Brasil, Anais ... 2007. <http://www.cult.ufba.br/enecult2007/AndersondosSantosPaiva.pdf>

56 Povos Indígenas no Brasil. SIASI/SESAI, 2014. <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Wari> Acesso em: jan. 2022.

57 Aucardo, Yobenj. Chicangana-Bayona, Susana Inés González Sawczuk. Bruxas e índias filhas de Saturno: arte, bruxaria e canibalismo. *Estudos Feministas*, v. 17, n. 2, p. 507-526. 2009. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/250040826_Bruzas_e_indias_filhas_de_Saturno_arte_bruxaria_e_canibalismo/link/5ae6087daca272ba5081dc55/download Acesso em: jan. 2022.

58 Abaporu de Tarsila do Amaral. História das Artes. 2017. Disponível em: <https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/abaporu-de-tarsila-do-amaral/> Acesso em: fev. 2022.

59 "Abaporu", de Tarsila do Amaral, é destaque em exposição. *Gazeta do Povo*. 2011, <https://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/abaporu-de-tarsila-do-amaral-e-destaque-em-exposicao-eqi397397xkzkfd0wtoqce1ji/> Acesso em: fev. 2022.

60 'Abaporu': obra de Tarsila do Amaral pertence a acervo de museu na Argentina. 2021. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2021/12/abaporu-obra-de-tarsila-da-amaral-pertence-a-acervo-de-museu-na-argentina/> Acesso em: fev. 2022.

61 Quadro 'Abaporu' volta a SP em exposição de Tarsila do Amaral no Masp. G1 SP. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/o-que-fazer-em-sao-paulo/noticia/2019/03/31/quadro-abaporu-volta-a-sp-em-exposicao-de-tarsila-do-amaral-no-masp.ghtml> Acesso em: fev. 2022.

62 ANDRADE, Oswald de. O manifesto antropófago. In: TELES, Gilberto Mendonça. Vanguarda europeia e modernismo brasileiro: apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas. 3ª ed. Petrópolis: Vozes; Brasília: INL, 1976. Acesso em: fev. 2022.

63 Couto, Maria de Fátima Morethy. A arte de vanguarda no Brasil e seus manifestos. Revista IEB, n. 53, p. 89-106, 2011. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/cdrom/oandrade/oandrade.pdf> Acesso em: mar. 2022.

64 Movimentos de Vanguarda na Europa e Modernismo Brasileiro (1909-1924). Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, RJ, 1976. Disponível em:

http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_obrasraras/or1292551/or1292551.pdf Acesso em: mar. 2022.

65 Ricupero, Bernardo O “original” e a “cópia” na antropofagia. Sociologia Antropológica, v. 8, n. 3, p. 875-912, 2018. <https://www.scielo.br/j/sant/a/tx3B7yPNhZsLVnkdP7wbsgC/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: mar. 2022.

66 Lopes, Reinaldo José G1 São Paulo, 2007. Disponível em:

<https://g1.globo.com/Noticias/Ciencia/0,,MUL243505-5603,00-LIVRO+CONTA+A+HISTORIA+SOMoBRIA+DO+CANIBALISMO+AO+LONGO+DOS+SECULOS.html> Acesso em: mar. 2022.

67 Luanne Caires, Maria Letícia Bonatelli e Graciele Almeida. Técnicas recentes no estudo da evolução ajudam a esclarecer a origem do homem e a ocupação no planeta. COMCIENCIA, 2017. Disponível em: <https://www.comciencia.br/tecnicas-recentes-no-estudo-da-evolucao-ajudam-esclarecer-origem-do-homem-e-ocupacao-no-planeta/> Acesso em: mar. 2022.

68 Canibais são condenados por dois assassinatos cometidos em Pernambuco. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2018/12/16/canibais-sao-condenados-por-dois-assassinatos-cometidos-em-pernambuco.ghtml> Acesso em: mar. 2022.

69 Barreiros, Isabela. Issei Sagawa, o aterrorizante caso do canibal de Tóquio que nunca foi punido. 2019. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/issei-sagawa-o-terrorizante-caso-do-canibal-de-toquio-que-nunca-foi-punido.phtml> Acesso em: mar. 2022.

70 Fordy, Tom. O verdadeiro Hannibal Lecter: como um médico psicopata inspirou O Silêncio dos Inocentes. The Telegraph Atlântico Press. Tradução: Érica Cunha Alves, 2021. Disponível em: <https://www.must.jornaldenegocios.pt/viver/detalhe/o-verdadeiro-hannibal-lecter-como-um-medico-psicopata-inspirou-o-silencio-dos-inocentes> Acesso em: mar. 2022.

71 Rosostolato. Breno. Antropofagia: o canibalismo sob a luz da psicologia. 2014. Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/artigos/antropofagia-o-canibalismo-sob-a-luz-da-psicologia> Acesso em: jan. 2022.

72 Conheça a bizarra história do canibal de Rotenburg. Alemão é considerado um dos homens mais perigosos do século XXI. Portal do Zacarias, 2020.

<https://portaldozacarias.com.br/site/noticia/imagens-fortes--conheaa-a-bizarra-historia-do-canibal-de-rotenburg.-alemao-a-considerado-um-dos-homens-mais-perigosos-do-saculo-xxi/> Acesso em: jan. 2022.

73 Cunha, Maria Carolina Santini Pereira da. A justiça em Michael Sandel: Aristóteles, Kant e Rawls. Extraído da Monografia. (Bacharel em Direito). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 2014. Disponível em:

https://www.pucrs.br/direito/wp-content/uploads/sites/11/2017/03/maria_cunha_2014_2.pdf
Acesso em: jan. 2022.

74 Terci, M. R. O vampiro de Hannover: o açougueiro louco que vendia a carne de suas vítimas. 2019. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/historia-o-vampiro-de-hannover-o-acougueiro-louco-que-vendia-carne-de-suas-vitimas.phtml> Acesso em: jan. 2022.

75 Cebrián, Juan Antonio. Perfiles de los asesinos en serie más famosos de la historia. Ediciones Nowtilus, 2007. Disponível em:

<http://www.aglutinaeditores.com/media/resources/public/24/2460/246098018b9d44e2b1d1a84961e859e8.pdf> Acesso em: fev. 2022. 76 Dantas, Tiago. Canibalismo. 2022. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/sociologia/canibalismo.htm>

77 Canibais são condenados por dois assassinatos cometidos em Pernambuco. G1 Pernambuco, 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2018/12/16/canibais-sao-condenados-por-dois-assassinatos-cometidos-em-pernambuco.ghtml> Acesso em: jan. 2022.

78 Maseko, Nomsa. Estou cansado de comer carne humana': suspeitos de canibalismo são presos na África do Sul. BBC News em Shayamoya (África do Sul). 2017. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-41076091> Acesso em: jan. 2022.

79 Canibalismo na África do Sul. Toluna Influencers. 2015.

<https://br.toluna.com/opinions/3463838/Canibalismo-na-%C3%81frica-do-Sul> Acesso em: jan. 2022.

80 Maseko, Nomsa. Shock and fear amid South Africa cannibalism case. BBC News, Shayamoya Village. 2017. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-africa-41072524> Acesso em: jan. 2022.

81 Presse, France. G1 MUNDO. China prende 'monstro canibal' suspeito de vender carne humana. 2012. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2012/05/china-prende-suspeito-de-vender-carne-humana.html> Acesso em: jan. 2022. 82 Canibalismo Observador, Lisboa. 2017. Disponível em: <https://observador.pt/2017/08/29/caso-de-canibalismo-foi-descoberto-na-africa-do-sul-estava-farto-de-comer-carne-humana/> Acesso em: jan. 2022.

83 Wright, Robin M. Comendo como Gente: Formas de Canibalismo Wari' (Pakaa Nova) de Aparecida Villaça. Rio de Janeiro, Editora UFRJ/ANPOCS. Disponível em:

http://www.anpocs.com/images/stories/RBCS/23/rbcs23_resenhas.pdf Acesso em: mar. 2022.

84 Villaça, Aparecida. Indivíduos celestes – cristianismo e parentesco em um grupo nativo da Amazônia. *Religião e Sociedade*, v. 27, n. 1, p. 11-23, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rs/a/7Dy9ntDNKjLpWPWtJKfyfq/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: mar. 2022.

85 Brottman, Mikita *Meat Is Murder* (book) *Meat is Murder!: An Illustrated Guide to Cannibal Culture* (Creation Cinema Collection) Brit Books, 1998.

86 Davidson, Peter. *Death by Cannibal: Minds with an Appetite for Murder* Berkley, 2015.

87 Davidson, Peter. *Death by Cannibal: Minds with an Appetite for Murder* Berkley, 2015.

88 Davidson, Peter. *Death by Cannibal: Minds with an Appetite for Murder* Berkley, 2015.

89 A história do canibal japonês que se tornou uma estrela. 2018. <https://extra.globo.com/noticias/mundo/a-historia-do-canibal-japones-que-se-tornou-uma-estrela-23176799.html> Acesso em: mar. 2022. 90 Duraquedada. 2014. Disponível em: <https://duraquedada.blogs.sapo.pt/biografia-issei-sagawaserial-killer-468467> Acesso em: mar. 2022.

91 Areosa, Danilo. 'RAW': um filme canibal com muito estilo e pouca reflexão. ("Grave" em português). 2017. Disponível em: <https://www.cineset.com.br/raw-um-filme-canibal-com-muito-estilo-e-pouca-reflexao/>

92 Canibalismo não é crime na Europa. *Mundo*, 2002.

<https://www.cmjornal.pt/mundo/detalhe/canibalismo-nao-e-crime-na-europa> Acesso em: fev. 2022.

93 Canibais: que crime comete quem come carne humana? *Direito. Folha de São Paulo*. 2012. Disponível em: <http://direito.folha.uol.com.br/blog/canibais-que-crime-comete-quem-come-carne-humana> Acesso em: fev. 2022.

94 CARVLHO, Eliane Knorr. *Canibalismo e normatização*. Dissertação. (Mestrado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, SP. 2008. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/3987/1/Eliane%20Knorr%20de%20Carvalho.pdf> Acesso em: fev. 2022.

95 Aparecida Villaça. Indivíduos celestes – cristianismo e parentesco em um grupo nativo da Amazônia. *Religião e Sociedade*, v. 27, n. 1, p. 11-23, 2007.

<https://www.scielo.br/j/rs/a/7Dy9ntDNKjLpWPWtJKfyfq/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: fev. 2022.

96 Gonçalves, Carlos Roberto. *Direito Civil Brasileiro*, v. 1: parte geral. 10 ed. São Paulo: Saraiva, 2012. Disponível em: <https://direitouninovest.files.wordpress.com/2016/03/direito-civil-brasileiro-2012-vol-1-parte-geral-carlos-roberto-gonc3a7alves.pdf> Acesso em: fev. 2022.

97 Franceschini, Rebecca. *Direitos da personalidade e a prática do canibalismo em casos de estado de necessidade*. Disponível em: <https://beccafrances6.jusbrasil.com.br/artigos/412706027/direitos-da-personalidade-e-a-pratica-do-canibalismo-em-casos-de-estado-de-necessidade> Acesso em: fev. 2022.

98 Scolforo, Jória Motta. Os Botocudos e a história dos indígenas no Espírito Santo. Assessoria de Comunicação do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Brasil. Apees, 2019. Disponível em: <https://ape.es.gov.br/Not%C3%ADcia/os-botocudos-e-a-historia-dos-indigenas-no-espírito-santo> Acesso em: jan. 2022.

99 Moura, Notícia e observações sobre os Índios Botocudos que frequentam as margens Hal Langfur. Revista Brasileira de História, v. 37, n. 75, p. 119-143, 2017. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbh/a/qStGzVbsf59ZRk7z6K4RNfD/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: jan. 2022.

100 Cabral, Danilo Cezar. A horripilante história do casal serial killer canibal da Rússia Dimitri Baksheev e Natalia Baksheeva comeram pelo menos 30 pessoas desde 1999. O caso ainda está sendo investigado. Mundo Estranho. Superinteressante. 2020. Disponível em:

<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/a-horripilantehistoria-do-casal-serial-killer-canibal-da-russia/> Acesso em: jan. 2022.

101 Jokura, Tiago. A origem sangrenta dos contos de fadas, parte 2: Bela Adormecida. Cultura, Mundo Estranho. Superinteressante. 2018. Varia História, vol. 26, nº 43: p.49-70, 2010. Disponível em: <https://mundoestranho.abril.com.br/materia/a-origem-sangrenta-dos-contos-de-fadas-parte-2-belaadormecida> Acesso em: jan. 2022.

102 Nogueira, André. O conto macabro da branca de neve. Aventuras na História, 2020. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/verdadeira-historia-da-branca-de-neveque-o-walt-disney-nao-te-contou.phtml> Acesso em: fev. 2022.

103 Jokura, Tiago. A origem sangrenta dos contos de fadas, parte 2: Bela Adormecida. Cultura, Mundo Interessante. Superinteressante, 2018. Disponível em:

<https://mundoestranho.abril.com.br/materia/a-origemsangrenta-dos-contos-de-fadas-parte-2-bela-adormecida> Acesso em: fev. 2022.

104 Jokura, Tiago. A origem sangrenta dos contos de fadas, parte 8: João e Maria. Cultura, Mundo Estranho. Superinteressante, 2018. Disponível em: <https://mundoestranho.abril.com.br/materia/a-origem-sangrentados-contos-de-fadas-parte-8-joao-e-maria> Acesso em: fev. 2022. 105 Elgar, M. A. E Crespi, B. J. Cannibalism – Ecology and evolution among diverse taxa. Oxford Science Publication. 1992.

106 LIMA, N. R. W. Biologia quase ao Extremo. 1ª. Edição. Associação Brasileira de Diversidade e Inclusão (ABDI)/Perse, Niterói, RJ, 2006. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/316181304_Biologia_quase_ao_Extremo Acesso em: jan. 2022.

107 Joung, S-J & Hsu, H., Reproduction and embryonic development of the shortfin mako, *Isurus oxyrinchus Rafinesque*, 1810, in the Northwestern Pacific. Zoological Study, 44, 487-496, 2005. Disponível em: <http://zoolstud.sinica.edu.tw/Journals/44.4/487.pdf> Acesso em: jan. 2022.

108 Lima, Neuza Rejane Wille; Vrijenhoek, Robert Charles. Avoidance of filial cannibalism by sexual and clonal forms of *Poeciliopsis* (Pisces: Poeciliidae). Animal Behaviour, v. 51, n. 2, 293-301, 1996.

Disponível em:
https://www.academia.edu/3657905/Avoidance_of_filial_cannibalism_by_sexual_and_clonal_forms_ofPoeciliopsis_Pisces_Poeciliidae Acesso em: jan. 2022.

109 Valentim, Alisson Montanheiro. A guerra dos sexos: dos conflitos sexuais à evolução do canibalismo sexual pré-copulatório em aranhas. Dissertação (Mestrado em Biodiversidade e Conservação). Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano - Câmpus Rio Verde). Rio Verde, GO, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ifgoiano.edu.br/handle/prefix/397> Acesso em: jan. 2022.

110 O que é matrifagia? Animais Selvagens. Meus Animais. 2022. <https://meusanimais.com.bru/matrifagia/> Acesso em: jan. 2022.

111 "Pinguim", Paulo Guilherme. Como nascem os Baby Sharks de verdade. Sand Tiger Shark intrauterine cannibalism. 2021. Disponível em: <https://diversforsharks.com.br/pt/curiosidades-pt/como-nascem-os-tubaroos/> Acesso em: jan. 2022.

112 Sabias Que! Canibalismo Intrauterino. Seetmint. 2018. Disponível em: <https://steemit.com/spanish/@johanaoviedo/sabias-que-canibalismo-intrauterino> Acesso em: jan. 2022.

113 Martins, Mariana Rodriguez Rafaine, Daniele Acadêmicas da Faculdade de Medicina Veterinária de Garça, Maria Francisca Sacco, Soraya Regina. Escorpiões: biologia e acidentes. Revista Científica Eletrônica de Medicina Veterinária, ano VI, n. 10, p. 1-7, 2008.

http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/HGzGjQ85fds83BH_2013-5-29-10-20-49.pdf Acesso em: mar. 2022.

114 Rhinogobius flumineus (Hamamatsu, Shizuoka, Japan). Disponível em: <https://eol.org/media/7572131> Acesso em: mar. 2022.

115 Borges Marcelo. Escorpião. Subprefeitura Estado de São Paulo, Brsil. 2021. Disponível em:

<https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/noticias/?p=4504> Acesso em: fev. 2022.

116 Díaz-Olarte, J. J., Cruz-Casallas, N. E., Marciales-Caro, L. J.; Medina-Robles, V. M. &Cruz-Casallas, P. E., Efectos de la densidad de siembra y disponibilidad de alimento sobre el desarrollo y sobrevivencia de larvas de Pseudoplatystoma fasciatum. Orinoquia, v. 13, p. 21-30, 2009. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/896/89612776005.pdf> Acesso em: fev. 2022.

117 Cavero, B. A. S., Pereira-Filho, M.; Roubach, R.; Daniel Rabello Ituassú, D. R.; André Lima Gandra, A. L. & Crescêncio, R. Efeito da densidade de estocagem na homogeneidade do crescimento de juvenis de pirarucu em ambiente confinado. Pesquisa Agropecuaria Brasileira, v. 38, p. 103-107, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/pab/v38n1/a14v38n1.pdf> Acesso em: fev. 2022.

118 Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. Manual de Reprodução de Pirarucu em Cativeiro. Sebrae, 2013, 76p.

Disponível

em:

https://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/Manual%20de%20Reprodu%C3%A7%C3%A3o%20Pirarucu_12_12_13%20alta.pdf Acesso em: fev. 2022.

119 Leonardo, Antônio Fernando Gervásio; Hoshiba, Marcio Aquio, Senhorini, José Augusto; Urbinati, Elisabeth Criscuolo. Canibalismo em larvas de matrinxã, *Brycon cephalus*, após imersão dos ovos à diferentes concentrações de triiodotironina (T3). Boletim do Instituto de Pesca, v. 34, n. 2, p. 231 - 239, 2008. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/284894607_Canibalismo_em_larvas_de_matrinx%C3%A3_Brycon_cepheus_apos_imersao_dos_ovos_a_diferentes_concentracoes_de_triiodotironina_T3/link/5df052304585159aa473fab8/download Acesso em: fev. 2022. 120 Andrade, Livia. Produtores do Norte do país apostam na criação de pirarucu. 2015. Disponível em:

<https://revistagloborural.globo.com/Empreender/noticia/2015/02/produtores-do-norte-do-pais-apostam-na-criacao-de-pirarucu.html> Acesso em: fev. 2022.

121 Pirarucu: lenda, benefícios e preparos Amazônica. Disponível em:

<https://amazonia360.wixsite.com/amazonia360/single-post/2017/01/26/pirarucu-lenda-benef%C3%ADcios-e-preparos> Acesso em: fev. 2022.

122 Fotomicrografia de larva de matrinxã, *Brycon cephalus*. A) Canibalismo no sentido cabeça – cauda. B) Detalhe mostrando a ingestão e evidenciando a pigmentação dos olhos. C) Larva já ingerida a posição dos olhos indicando o sentido da predação. D) Canibalismo no sentido cauda – cabeça, com predação lateral. E) Larva sendo parcialmente engolida. F) Presa sendo engolida pelo predador evidenciando o canibalismo.

123 Fotomicrografia de larva de matrinxã, *Brycon cephalus*. A) Larva ingerida indicando a direção da predação pela posição dos olhos no estomago. B) Detalhe mostrando a região da cabeça e estomago do predador. C) Larva já digerida. D) Seta indicando resquícios do saco vitelínico. E) Predador sendo predado. F) Aumento da fotomicrografia

124 Viúva-negra *Latrodectus mactans* que ocorre no Brasil. Acervo do Instituto Vital Brazil, Niterói, RJ. Disponível em: <http://www.vitalbrazil.rj.gov.br/aranhas.html> Acesso em: jan. 2022.

125 Santos, Vanessa Sardinha dos. Canibalismo. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/biologia/canibalismo.htm> Acesso em: jan. 2022.

126 Tizo-Pedroso, E.; Del-Claro, K. Matriphagy in the neotropical pseudoscorpion *Paratemnoides nidificator* (Balzan, 1888) (Atemnidae). *Journal of Arachnology*, v. 32, p. 873-877, 2005. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/232687681_Matriphagy_in_the_neotropical_pseudoscorpion_Paratemnoides_nidificator_Balzan_1888_Atemnidae Acesso em: jan. 2022.

127 Pedroso, Everton Tizo. História natural e comportamento no pseudoescorpião social *Paratemnoides nidificator* (Balzan, 1888) (arachnida): cuidado parental, cooperação e divisão de trabalho. 2017 Dissertação (Mestrado em Ecologia e Conservação de Recursos Naturais) Universidade Federal de Uberlândia, MG, Brasil. Disponível em:

<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/13425/1/ETPedrosoDISSPRT.pdf> Acesso em: jan. 2022.

128 Evans, T. A., E. J. Wallis & M. A. Elgar. Making a meal of mother. *Nature*, v. 376, 299, 1995.

129 Gabbutt, P.D. 'Nests' of the marine false-scorpion. *Nature*, v. 196, p. 87-89, 1962.

130 Kim, K.W., C. Roland & A. Horel. Functional value of matrophagy in the spider *Amaurobius ferox*. *Ethology*, v. 106, p. 729-742. 2005.

131 The Journal of Arachnology 33:873–877 Short communication matrophagy in the neotropical pseudoscorpion *paratemnoides nidificator* (Balzan, 1888) (Attemnidae). Disponível em: <http://www.leci.ib.ufu.br/pdf/MatrifagiaPseudoscorpions.pdf> Acesso em: jan. 2022.

132 Pedroso, Everton Tizo. Ecologia e evolução do comportamento social em pseudoescorpiões neotropicais: o exemplo de *paratemnoides nidificator* (Attemnidae). Tese. (Doutorado em Ecologia e Conservação de Recursos Naturais). Universidade Federal de Uberlândia. 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/13265/1/EcologiaEvolucaoComportamento.pdf> Acesso em: mar. 2022.

133 Bicagem e canibalismo na Avicultura de Postura. Manejo & Bem Estar, 2019. Disponível em: <https://avicultura.info/pt-br/bicagem-canibalismo-poedeiras/> Acesso em: mar. 2022.

134 Sousa, Amaral Edilson do. Galinhas poedeiras: criação em semiconfinamento. 2. ed. – Brasília, Emater, Brasília. DF, 2009. Disponível em: <https://emater.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/06/Galinhas-poedeiras.pdf> Acesso em: jan. 2022.

135 Canibalismo: mais de mil aves morrem em granja do Paraná. 2018. Disponível em: <https://www.canalrural.com.br/noticias/canibalismo-mais-mil-aves-morrem-granja-parana-74822/> Acesso em: fev. 2022.

136 Anti Bicagem Óculos Para Galinha 20un Evita Canibalismo. Disponível em: https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-1225694300-anti-bicagem-oculos-para-galinha-20un-evita-canibalismo-_JM Acesso em: jan. 2022.

137 Diógenes, Henrique. Canibalismo celular como defesa conta o câncer. *SoCientífica. Saúde & Bem-Estar*, v16, 12, 2017. Disponível em: <https://socientifica.com.br/canibalismo-celular-como-defesa-counta-o-cancer/> Acesso em: jan. 2022.

138 LOZUPONE, F.; BORGHI, M.; MARZOLI, F.; AZZARITO, T. P.; MATARRESE, IESSI, E.; VENTURI, G.; MESCHINI, S. A.; CANITANO, R.; BONA, A.; CARA, S. F. TM9SF4 is a novel V-ATPase-interacting protein that modulates tumor pH alterations associated with drug resistance and invasiveness of colon cancer cells. *Oncogene*, v. 34, p. 5163–5174, 2015. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/onc2014437> Acesso em: mar. 2022.

139 Giuseppina Bozzuto, Paola Ruggieri and Agnese Molinari. Molecular aspects of tumor cell migration and invasion. *Annali dell'Istituto Superiore di Sanità*, v. 46, p. 1, p. 66-80, 2010. Disponível em: <https://www.scielosp.org/pdf/aiss/2010.v46n1/66-80/en> Acesso em: fev. 2022.

140 Canibalismo celular poderá desacelerar evolução do cancro. eLife, 2017. Disponível em: <https://www.alert-online.com/br/news/health-portal/canibalismo-celular-podera-desacelerar-evolucao-do-cancro> Acesso em: jan. 2022.

141 Xinlong Wang, Yilong Li, Jiating Li, Le Li, Hong Zhu, Hua Chen, Rui Kong, Gang Wang, Yongwei Wang, Jisheng Hu and Bei Sun. Cell-in-Cell Phenomenon and Its Relationship With Tumor Microenvironment and Tumor Progression: A Review. *Frontier in Cell and Developmental Biology*, 7, 3, 1-11. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fcell.2019.00311/full> Acesso em: jan. 2022.

142 Jan M. Schilling, Brian P. Head, and Hemal H. Patel. Caveolins as Regulators of Stress Adaptation. *Molecular Pharmacology*, 93, 4, 277–285. 2018. Disponível em:

<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5820539/pdf/mol.117.111237.pdf> Acesso em: jan. 2022. 143 Brasil. Manual de diagnóstico e tratamento de acidentes por animais peçonhentos. 2ª ed. – Brasília, Fundação Nacional de Saúde, 120, 2001. Disponível em:

http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/funasa/manu_peconhentos.pdf Acesso em: jan. 2022.

144 Neumann, R. & Jutta M. Schneider, J. M., Frequent failure of male monopolization strategies as a cost of female choice in the black widow spider *Latrodectus tredecimguttatus*. *Ethology*, 117, 1057–1066, 2011.

145 *Pisaura mirabilis*. Naturdata. Biodiversidade em Portugal. Disponível em: <https://naturdata.com/especie/pisaura-mirabilis/13312/0/> Acesso em: jan. 2022.

146 LI, D., OH, J., KRALJ-FISHER, S. & KUNTNER, M., Remote copulation: male adaptation to female cannibalism. *Biological Letters*, 8, 4, 512-515, 2011. Disponível em: <http://rsbl.royalsocietypublishing.org/content/roybiolett/early/2012/01/27/rsbl.2011.1202.full.pdf> Acesso em: mar. 2022.

147 BROWN, W. D. & BARRY, K. B. Sexual cannibalism increases male material investment in offspring: quantifying terminal reproductive effort in a praying mantis. *Proceedings of the Royal Society B: Biological Sciences*, v. 283, n. 1833, p. 20160656, 2016. Disponível em: <http://rspb.royalsocietypublishing.org/content/royprsb/283/1833/20160656.full.pdf> Acesso em: jan. 2022.

148 FERNANDES, R.F., Isótopo, *Revista Ciência Elementar*, 2, 1, 124, 2014. Disponível em: <https://rce.casadasciencias.org/rceapp/art/2014/124/> Acesso em: jan. 2022.

149 Canibalismo Sexual em Louva-a-Deus. Clube de Biologia. 2016. Disponível em:

<https://www.facebook.com/clubedabiologiarj/videos/59581896059264> Acesso em: jan. 2022.

150 Joanne Durgan, et al. Mitosis can drive cell cannibalism through entosis. *Cancer Biology Cell Biology*, e27134, 2017. Disponível em: <https://elifesciences.org/articles/27134> Acesso em: jan. 2022.

151 Mead, S. et al. A novel protective prion protein variant that colocalizes with kuru exposure. *The New England Journal of Medicine*, 361, 2056-2065, 2009. Disponível em: <https://www.nejm.org/doi/pdf/10.1056/NEJMoa0809716?articleTools=true> Acesso em: fev. 2022.

152 Simon Mead, Michael P. H. Stumpf, Jerome Whitfield, Jonathan A. Beck,1 Mark Poulter,

TracyCampbell, James B. Uphill,¹ David Goldstein,² Michael Alpers, Elizabeth M. C. Fisher, John Collinge. Balancing selection at the prion protein gene consistent with prehistoric Kurulike epidemics. *Science*, 300, 640-643, 2003. Disponível em: https://oavcrime.com.br/downloads/Science_Alpers.pdf Acesso em fev. 2022.

153 Tribo que comia cérebros desenvolveu resistência a doenças degenerativas. Redação Bonde. 2015. Disponível em: <https://www.bonde.com.br/saude/noticias/tribo-que-comia-cerebros-desenvolveu-resistencia-a-doencas-degenerativas-373773.html> Acesso em fev. 2022.

154 Eliane Knorr de Carvalho. Canibalismo e normalização. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP. Disponível em: 2008. <https://sapiencia.pucsp.br/bitstream/handle/3987/1/Eliane%20Knorr%20de%20Carvalho.pdf> Acesso em fev. 2022.

155 Trindade, Alexandro Dantas. O “descobrimento” no pensamento cinematográfico brasileiro: diálogos possíveis quanto à identidade nacional. *Lua Nova*, 81, 47-74, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ln/a/68zSTdB3yyK3gnPdHYyYP7P/?format=pdf&lang=pt> Acesso em abr. 2022.

156 Menezes. Paulo. A utopia da utopia. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 23, 66, p. 191-193. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/C8nFKwJnd96XKhDG6sjHTSh/?lang=pt&format=pdf> Acesso em abr. 2022.

157 Godoy, Arnaldo Sampaio de Moraes. Os canibais brasileiros de Montaigne e os paradoxos da civilização. *Embargos Culturais*. 2018. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2018-mar-11/embargos-culturais-canibais-brasileiros-montaigne-paradoxos-civilizacao> Acesso em: mar. 2022.

158 Montaigne, Classios. *Os Ensaios*. Tradução de Rosa Freire D’Aguiar, São Paulo: Penguin-Companhia das Letras, 2010. Disponível em:

159 Schutt, Bill. Canibalismo é mais comum do que se pensava, tanto entre homens como entre animais. *The New York Times*. 2017. Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/ultimas-noticias/the-new-york-times/2017/02/18/canibalismo.htm?cmpid=copiaecola> Acesso em abr. 2022.n

160 Canibalismo era comum entre homens da caverna na Europa, sugere estudo. *Revista Galileu*. 2013. Disponível em: <http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,EMI168053-17770,00-CANIBALISMO+ERA+COMUM+ENTRE+HOMENS+DA+CAVERNA+NA+EUROPA+SUGERE+ESTUDO.html> Acesso em: abr. 2022.